O CORREIO

Director-Gerente
A. R. d'Azevedo Bastos

SEMANARIO MONARCHICO

Editor
Bento d'Oliveira e Silva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Passos Manuel, 177 - 1.º — Porto
Composto e impresso na Typographia Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27—Porto.
Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas — 6, Rua Duban
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo 12

Proprietario — MARIO ANTUNES LEITÃO
1.º ANNO — N.º 7 — Avulso 20 rs.
Sabbado, 18 de Janeiro de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.os, 1$000 reis — Serie de 26 n.os, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal)—serie de 52 n.os, 15 francos (ou 3$000 reis). Serie de 26 n.os, 8 francos (ou 1$600 reis). Brazil: serie de 52 n.os, 6$000 reis (moeda brasileira) Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 30 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.
ANNUNCIOS — Na secção de annuncios: 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

SUMMARIO

—Crises.
—Notas de um lisboêta—*O golpe de ar*—Anselmo.
—Echos.
—Pathologia da Republica—*Esgotamento demographico*—Doutor Thalassa.
—O genio militar de Mousinho de Albuquerque—*Entrevista com Ayres de Ornellas*—Joaquim Leitão.
—Democracia—Eduardo Luppi.
—De Rousseau a Bonnot—Ayres d'Ornellas.
—Phantasias—*As lamas de Paris*—Anselmo.
—Em casa de Paul Adam—*Uma entrevista que toma as proporções de uma conferencia*—Joaquim Leitão.
—Chronica militar
—Carta de Paris—J. Sequeira
—Carta de Lisboa—Raul.
—Semana mundana
—Folhetim—*A Chica—Arrufos*—Anselmo
—Chronica da Vida Nacional—Antonio Lança
—Chronica dos Theatros

CRISES

Teve finalmente o seu desfêche essa crise ministerial que para ahi se arrastou largos dias entre episodios picarescos.

Constituiu governo, e nas suas mãos tem agora os sellos do Estado e as chaves do thesouro, o sr. Affonso Costa.

Não podemos dizer que nos tenha desagradado a solução da crise.

Muito pelo contrario mesmo, a constituição do novo ministerio deu-nos uma impressão agradavel, a impressão agradavel que sente quem, vendo uma peça em que scenas dolorosas se succedem, vae apressado e satisfeito buscar ao bengaleiro o *pardessus*, para voltar a assistir ao ultimo acto, tendo a compensal-o da previsão de que elle mais doloroso seja do que os outros, a certeza mathematica de que é o ultimo.

N'um paiz de lunaticos e de commodistas como o nosso, em que para que se sinta o ferro em braza é preciso que as carnes sejam fundamente requeimadas; n'um paiz em que se não dá um passo sem que primeiro se tenham procurado todas as maneiras possiveis de se evitar esse incommodo e em que a maior parte da gente quando se dá ao trabalho de levantar a cabeça a olhar o ceu é para ver se pode poupar-se á maçada de levar o chapeu de chuva; n'um paiz em que só se pensa na fome no dia seguinte ao de começar faltando o pão e em que cada qual só sente que não ha liberdade... quando é preso, embora tenha visto prender todos os vizinhos e todos os parentes, a solução que,—se nos fosse dado abandonar por momentos as linhas em que combatemos para irmos influir no campo contrario,—escolheria-mos para a crise seria precisamente aquella de que se viu forçado a lançar mão o sr. Presidente da Republica apoz a cambalhota final com que o sr. Antonio José de Almeida coroou o seu intermedio comico na *matinée* do Colyseu.

A solução da crise tal como foi, tem para todos uma vantagem, uma enorme vantagem, tanto para os commodistas que não estão para maçadas, como para os que a todos os sacrificios estão promptos: tanto para os ingenuos esperançados nem sabem em quê, como para os desilludidos; tanto para os que, com indifferença, tudo teem aguentado, como para os que, com desespero, tudo teem tido que supportar,—a vantagem de poderem perceber definitivamente o que teem a esperar, que é nada, e o que teem a fazer, que é tudo.

A subida ao poder d'um ministerio presidido pelo sr. Affonso Costa, acolytado por individuos que, se uns nada perdem em se não saber quem são, outros nada ganham em já serem conhecidos, e appoiado por um partido, que desde a implantação da Republica tem sido o principal fator de todas as violencias, o instigador de todas as crueldades, o insultador de todas as crenças, o apprehensor de todos os direitos e o estrangulador de todas as liberdades,—a subida ao poder de um ministerio como este é para todos nós, portuguezes, republicanos ou monarchicos, como que a ultima pá de terra que se tira de uma cova aberta n'um cemiterio.

O futuro dirá se a cova é para uma Republica que morre se para um Paiz que desapparece.

Mas emquanto o futuro o não diz, vamos nós com pachorra,—ou não passemos d'um paiz de pachorrentos,—observando um aspecto interessante que nos offerece esta solução da crise, e que n'um paiz onde a coherencia não fosse apenas uma palavra, que uns escrevem com h e outros sem elle, teria sido immediatamente seguida, quando não precedida, de uma outra crise: a crise presidencial.

Já a muita gente custou tanto a comprehender que ainda o não o conseguiu, o estranho facto de que—tendo-se tornado publica uma flagrante divergencia entre o chefe do Estado e o ministerio que ha pouco se demittiu, entendendo o sr. Manuel d'Arriaga que era chegada a occasião de dar a amnistia aos bispos e de a prometter para breve aos outros condemnados politicos e asperamente se tendo opposto a isso o chefe do governo, este só se demittisse passados largos dias e por motivos differentes, que não pela divergencia tornada publica, sem que com tudo da sua paltrona presidencial se tivesse mexido o homem illustre, que o snr. Theophilo Braga nunca poude ver de perto e que hoje não pode ver nem de longe.

Ora se isso já custou a comprehender a muita gente, para todos é agora incomprehensivel que essa crise presidencial se não tenha revelado ainda, quando já bastantes dias se passaram sobre a chamada ao poder de um ministerio que se conseguiu, para poder ter a maioria, o appoio dos independentes,—grupo de politicos que não sabendo ainda em que param as modas, se reservam para se encurralar onde melhor fôr o pasto,—foi precisamente por se conter em seus propositos, clara e formal, a recusa da amnistia aos condemnados politicos, isto é, a recusa da promulgação precisamente d'aquella medida que, na sua carta ao snr. Duarte Leite, o Chefe do Estado aconselhava, reclamava mesmo, considerando-a indispensavel ao bem da Republica, ao socego do paiz e á felicidade do povo, alem de a ter como conveniente para que se visse *não ser a Republica tão má como dizem*...

Nenhuns factos se deram que podesse levar o illustre Chefe do Estado a considerar não ser já necessaria e conveniente a promulgação de medidas que ha pouco declarava indispensaveis ao bem da Republica e ao socego do Paiz, e n'estas circunstancias a todos é licito fazer notar que, ao chamar ao poder um governo que no seu programma apresentava, sobre pontos concretos, opiniões inteiramente divergentes das suas, o sr. dr. Manuel d'Arriaga manteve em aberto um conflicto entre elle proprio, como Chefe do Estado, e o governo do paiz, conflicto que, não podendo ser liquidado pela sahida do ministerio,—visto que ao poder foi chamado tendo affirmado já os seus propositos,—só vemos que logicamente possa ser resolvido pela sahida do illustre presidente da Republica.

Mas até hoje ainda não esboçou sequer esse gesto o sr. dr. Manuel d'Arriaga, e ao sabermol-o no seu palacio assignando os decretos d'um ministerio e com cuja orientação a sua carta tornada publica, mostra não poder concordar, nós perguntamos muito simplesmente se aos illustres poetas vagueando pelas regiões ethereas, não nos é licito chamal-os ás regiões terrenas onde, é certo, se as rosas embalsamam o ar com o seu perfume, tambem picam como o demonio com os seus espinhos?

E como é provavel que ninguem nos responda, voltaremos a nossa attenção para o que n'este desgraçado paiz vae acontecer, agora que, com a constituição do novo ministerio, passa a ser definitivamente governado pela Rua.

Pela Rua... não. Pelos beccos.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos presados assignantes das provincias que vamos enviar-lhes pelo correio, á cobrança, os recibos de suas assignaturas, e pedimos-lhes a fineza de os satisfazerem logo que lhes sejam apresentados, evitando-nos assim despesas desnecessarias ou a suspensão da remessa do jornal.

Notas de um lisboeta

O golpe de ar

Está constituido o novo gabinete portuguez. E' chefe do governo o sr. Affonso Costa.

(Telegramma da Havas)

Ao Zé, antigo conductor dos carros da *Luzitana*,—a quem por isso chamavam na visinhança, o Zé da Luzitana,—apparecera-lhe aquella filha já fóra do tempo, quando elle já não estava para dansas nem para trabalhos, quando pelos varios abalos que soffrera no decorrer da sua existencia mais precisava d'uns bons annos serenos e tranquillos, sem cuidados, sem complicações, que lhe permitissem pôr as cousas a direito e cuidar de sua saude, a tentar pôr-se de novo forte e rijo como o fôra em tempos não muito idos.

A pequena, a quem o padrinho,—um cavalheiro do bairro, politicão exaltado, que andava sempre pelos clubs vociferando contra tudo e contra todos—puzera o nome de Maria da Redempção, nascêra fraquita, com caroços pelo pescoço, com difficuldades na respiração, e logo de principio, com os dentes de leite,—a dentição provisoria,—tivera complicações achaques, que a tinham posto mais combalida, mais enfezada, com o corpo cheio de borbulhas, n'um explodir por toda a pelle das impurezas que a minavam.

O Zé, coitado, ia vendo desapparecer n'uma carreira doida para a botica e para os medicos que o padrinho, á custa do pae teimava em chamar para junto da pequena,—todo o seu peculio, todo aquelle dinheirito que, ao nascer a rapariga, tinha a um canto da gavêta para qualquer afflicção, e começava a crear novos compromissos, novas dividas, desleixando a casa, em que os moveis se iam cobrindo de poeira faltos de limpeza, e em que o sobrado se ia enchendo de covas de buracos pela agua que vinha do telhado, falto de concerto. E quando, em algum momento de socego, deitava contas á sua vida, todo se arrepelava, sem saber onde aquillo iria parar, prevendo a cada momento que os credores lhe entrariam por casa a levarem-lhe o que ainda lhe restava, e que possivelmente acabaria por ter que se pôr a andar do predio, por causa de alguma reclamação do seu visinho padeiro, um hespanhol, com quem se déra bem,* com quem mesmo ainda continuava em boas relações, mas no qual elle já percebera, por meias palavras, que continuava amigo, sim, senhor, mas que em todo o caso seria bom que a pequena, a Maria da Redempção, com os seus achaques, as suas maidades e as suas brincadeiras, lhe não fizesse má visinhança.

Todas aquellas difficuldades lhe tinham sido aggravadas com a morte da mulher coitada, a D. Maria da Liberdade, que, tendo vivido sempre com boa saude, rija e sadia, embora com uma ou outra suffocaçãosita lá de vez emquando, repentinamente, d'uma apoplexia, morrêra dando á luz a Maria da Redempção, que assim, para entrar na vida, enfezada e triste, derrubára d'um golpe a existencia exhuberante da mulher do Zé da Luzitana.

Em todo o caso a verdade é que o Zé, amando o socego e o descanso, talvez se fosse consolando de todos aquelles desgostos e difficuldades se a pequena, enrijando, olhasse pela casa, cuidasse dos arranjos, e lhe preparasse uma velhice serena e confortavel.

Mas o diacho da pequena não arribava, por mais sacrificios que os medicos impuzessem ao pae, e, se cada vez se fazia mais fraca, mais enfezada, mais rachitica, tambem mais tyrannica, mais despotica e mais mal-creada se tornava, atormentando o Zé da Luzitana, reclamando gulodices caras e brinquedos dispendiosos, berrando, descompondo, injuriando, e batendo o pé a declarar que estava doente, e que não queria que a contrariassem.

E assim os dias iam passando com a Maria da Redempção cada vez a peor, em crises successivas, que a punham ás portas da morte.

O padrinho,—de quem as más linguas da visinhança rosnavam, insinuando que o Zé da Luzitana fizera mal, nos dois annos anteriores ao nascimento da pequena, em dar tantas largas á mulher, a D. Maria da Liberdade,—o padrinho, que a todo o transe queria salvar a afflhada, e que teimára em fazer tratar a rapariga, sempre á custa do pae, é claro, por todos os medicos, que conhecera vociferando, como elle, pelos clubs, e que acabavam sempre por se irem embora, cobrando os honorarios, mas deixando ainda peor a Maria da Redempção, resolvera-se por fim a consultar um medico que chegára pouco antes da Suissa.

Mas, desconfiando, pelas fallas do homem, que elle era tolo, decidiu, descrente da classe medica, chamar um curandeiro, que no bairro tinha fama de ser homem para dar vida a um morto e tornar são um pêro podre.

O curandeiro foi-se até á cabeceira da pequena, e logo declarou, decidido e arrogante:

—Isto aqui o que é preciso é cousa energica. Comecemos, para que se não perca tudo se a cousa der mau resultado, por lhe applicar umas sanguesugas e ao mesmo tempo ferremos-lhe com uma boa dose de *demagogenia carbonatada*.

E sem mais demora, arregaçando as mangas, applicou o tratamento.

A rapariga arrebitou um pouco e a visinhança ao ouvil-a, no dia seguinte n'uma bulha infernal, praguejando, atirando pontapés aos moveis, dizia lá comsigo:

—Lá está a Maria da Redempção aos pinotes. Aquillo foi o remedio do curandeiro que lhe fez bem, que, para que ella possa berrar assim e dar taes pinotes, é preciso que esteja mais forte.

Mas no dia seguinte a rapariga, extenuada, tendo peorado com os pinotes e os berros da véspera, já não poude levantar-se da cama, e, pela tarde, praguejando n'um ultimo arranco, dava a alma a Deus... que não lh'a acceitou, em quanto o curandeiro, embolsando o dinheiro das visitas, explicava n'um longo discurso que aquillo fôra com certeza de algum golpe d'ar, que a rapariga tinha apanhado.

E o Zé da Luzitana, olhando a gavêta da commoda onde tivéra o seu peculiosito e que estava agora replecta de cautelas do prégo e de avisos de decimas relaxadas, murmurava, acenando com a caçeça:

—Sim... sim... foi um ar que lhe deu.

Mas nunca se soube se elle se referia á Maria da Redempção, se ao seu rico dinheirinho.

ANSELMO.

ECHOS

Regosijos

Sempre que vem a lume qualquer *gafe* d'algum d'esses pittorescos individuos, que a Republica espalhou por esse mundo de Christo como seus representantes diplomaticos, e nos jornaes se faz referencia a um menos attencioso tratamento por parte de algum governo estrangeiro para com essas creaturas, logo alli do Calhariz salta a *Lucta* a brainar que os *thallassas*, com uma deploravel falta de patriotismo, avultam e deturpam os acontecimentos, regosijando-se com factos que, a terem-se dado,—e, ao que parece, todos elles se deram,— seriam uma affronta ao brio nacional.

Ora a verdade é que nós, por exemplo,—que graças a Deus somos *thallassas* e que, com muita honra, o continuarêmos sendo por muitos annos e bons, em companhia das pessoas que mais estimamos, e que são tambem *thallassas*,—nunca nos regosijamos com os desaires porque teem passado lá por fora os diplomatas da Republica.

Muito pelo contrario temos até lamentado,—e haja em vista o que ha pouco escrevemos a respeito do sr. João Chagas,—que os diplomatas da Republica não tenham tido o bom senso e a circunspecção necessarias para evitarem todas essas desfeitas que lá por fóra teem soffrido, e que tantas e tão repetidas teem sido, que até já para ahi se diz, não sabemos se com fundamento, que no ministerio dos Negocios Estrangeiros se pensa em substituir as habilitações exigidas nos concursos para diplomatas por simples attestado de frequencia da casa de pasto do João Papagaio, por se considerar que a excellente *meia desfeita* de bacalhau com grão, que alli se come é a melhor habilitação para os cargos diplomaticos da Republica, pois está indicado deverem ser umas boas doses de *meia desfeita* o mais logico dos tirocinios para as desfeitas inteiras que a sorte parece ter reservado á diplomacia portugueza, desde que nos resolvêmos a dar ao mundo a lição de civilisação, de ordem e de progresso, que para ahi se tem visto n'estes ultimos dois annos.

E se o temos lamentado não é porque consideremos affrontas ao brio nacional os desaires soffridos por esses diplomatas,—pois entendemos que taes affrontas só existem quando as desconsiderações visam diplomatas que procedem com circunspecção e gravidade, não esquecendo o que devem ao cargo que desempenham, ao paiz que representam e ao governo junto do qual estão acreditados, e nunca quando essas desconsiderações são provocadas pela leviandade ou pelo absurdo do procedimento dos individuos que a Republica encarregou de a representar, sem lhes exigir, quando não possuam as habilitações reclamadas em qualquer concurso para simples addido de legação, ao menos o tirocinio necessário para que certos d'elles comprehendessem que o ser-se representante d'um paiz junto d'um governo estrangeiro, não é bem o mesmo que ser-se representante dos armazens Grandella ou da camisaria Ramiro Leão em qualquer cidade da provincia

Não nos regosijamos com essas desfeitas aos diplomatas da Republica, porque nunca é motivo de regosijo para nós o vermos compatriotas nossos fazerem tristes figuras, o que de resto exhuberantemente provamos n'este momento não nos regosijando com a figura que fez o sr. conselheiro Antonio José d'Almeida, e mais o seu partido evolucionista, não conseguindo tomar conta do governo, apoz aquelle *Carro a salvar-te* com que abalou, a meio da cura, do sanatorio elevado onde conheceu um suisso eminente, e depois do seu triumphante regresso á Patria amada e da edicção definitiva, muito incorrecta e muito diminuida, d'aquelle mirabolante discurso da *matinée* no Colyseu.

O que muito pelo contrario nos regosija sempre é o conhecimento de factos que nos demonstram que no estrangeiro se não torna o paiz responsavel pela leviandade e pela falta de bom senso de alguns diplomatas da Republica, e por isso nos regosijamos com os factos que se deram na recente viagem que Sua Magestade El-Rei fez pela Europa, e no decurso da qual,—emquanto os diplomatas da Republica soffriam desaires varios,—os soberanos e as altas individualidades politicas dos paizes que El-Rei percorreu, a Sua Magestade dispensaram attenções e homenagens, que só é de uso dispensarem-se a chefes de Estado, embora viajando incognitos,—como El-Rei viajava,—e que foram clara e flagrante manifestação de quanta affectuosa estima manteem por Portugal essas altas individualidades estrangeiras.

Esses factos veem demonstrar que nunca poderia considerar-se offendido o nosso brio nacional com os incidentes desagradaveis resultantes da leviandade de alguns dos individuos que a Republica encarregou da sua representação diplomatica, visto que ao mesmo tempo que taes incidentes se dão, a um illustre portuguez, que no paiz occupou a mais alta magistratura da nação, se prestam homenagens d'uma tão clara, tão decidida, tão significativa e tão flagrante simpathia, que nenhuma duvida pode restar de que essas altas individualidades estrangeiras de forma alguma consideram o paiz solidario com a attitude dos seus representantes diplomaticos.

Com taes factos nos regosijamos, observando que, para honra e satisfação de todos nós, portuguezes, na sua viagem pela Europa, El-Rei poude prestar ao seu paiz o enorme serviço de tornar bem patente e bem claro que a nação Portugueza não desmereceu das simpathias e da consideração das nações estrangeiras, evidentemente convencidas já de que Portugal apenas está passando por um periodo de desorientação politica e de depressão moral de que conseguirá sahir, readquirindo as antigas condições de vida que lhe permittam manter-se com o brilho e a dignidade que ao seu passado deve.

Os novos ministros

Não se pode dizer que o sr. Affonso Costa tivesse ido escolher para seus co-responsaveis na obra gloriosa que vae emprehender de pôr tudo isto a caminho direito... para a Bocca do Inferno, pessoas que já tivessem uma reputação mundial. Mas em todo o caso, se alguns dos seus novos collegas, são ainda para o publico pessoas de quem nem ao menos se pode saber pelo Almanach Commercial, onde moram, outros são cavalheiros já conhecidos e bastante, para que d'elles se saiba que, sim, senhor... são os proprios.

O que darão como ministros aquelles que ainda o não foram, não o podemos dizer nós que os não conhecemos de perto nem de longe; é que apenas do sr. Pereira Bastos sabemos ser um dos signatarios de uma carta que os jovens turcos distribuiram pela officialidade do exercito chamando ladrões aos monarchicos; que do sr. Antonio Maria da Silva só não ignoramos ter sido galopim eleitoral no tempo de Hintze Ribeiro, ter sido processado por fraudes eleitoraes, e ser agora director dos correios; e que sobre o sr. Rodrigo Rodrigues só sabemos ser carcereiro, ou cousa que o valha, da Penitenciaria.

Dos outros que ainda não foram ministros nada sabemos, mas calculamos que devem ser muito boas pessoas, pois nem o sr. Affonso Costa se lembraria d'elles, se o não fossem. Os que já foram ministros conhece-os o paiz muito bem, melhor mesmo do que nós. O sr. Freitas Ribeiro foi ministro da marinha no gabinete do sr. João Chagas. Um bello dia sahiu e o *Intransigente* explicou porquê. O *Intransigente*, quando quer, explica muito bem as cousas. Pena é que não lhe dê para explicar agora porque é que o snr. Freitas Ribeiro entrou no ministerio, e não entrou antes o sr. Eusebio da Fonseca, por exemplo, que tambem sabe muito de cousas coloniaes, e tanto que, havendo muita gente que suppõe que as mattas da Paraná são portuguezas, elle é talvez hoje a unica pessoa com os conhecimentos necessarios para provar que não são tal, que são inglezas.

O sr. Antonio Macieira tambem é muito conhecido. Identificou-se de tal forma com o seu chefe, que toda a gente sabe que se um dia o paiz considerasse que para a sua felicidade não bastava um só Affonso Costa, elle estava preparado para ser outro.

Do sr. Affonso Costa não é preciso fallar. Todos sabem que d'aquella matta sae sempre coelho... e entra lebre. Se o paiz não attingir com elle o maximo da felicidade, da paz e da prosperidade, então é melhor deitarmo-nos todos a afogar, porque estão perdidas todas as esperanças.

E' nossa convicção porém de que sim, de que o paiz ha-de ficar tão satisfeito que não consentirá outro que o substitua.

Ou elle ou nenhum... o que aliaz é pena, porque nós não desgostavamos de que tambem se experimentasse o sr. conselheiro Antonio José d'Almeida.

Uma pergunta

Diz o *Socialista* que *em vista de não ter dado ordem para carregar sobre o povo, que se reuniu para protestar contra o movimento dos senhorios, foi mandado para Castello Branco o tenente Santos*, da Guarda Municipal.

Cremos que o *Socialista* está enganado.

Pelo que vimos nos jornaes relatando os factos que se deram na occasião dos protestos contra a manifestação dos senhorios, esse tenente foi mandado para Castello Branco, não por não ter carregado sobre o povo, mas por ter obedecido ás ordens de alguns populares que o mundaram retirar com a força do seu commando, em vez de obedecer ás ordens dos seus superiores, que alli o tinham mandado para evitar disturbios e violencias.

E' differente como o *Socialista* vê.

Mas pode o nosso illustre collega dizer-nos se foram mandados para alguma parte, para suas casas, ao menos, os officiaes que deixaram que pelas ruas fossem aggredidos e cuspinhados os presos politicos confiados á guarda das escoltas, que esses officiaes commandavam?

Prevenção

O *Mundo*, com uma lealdade que é verdadeiramente enternecedora, previne o publico em geral e a imprensa em particular, do que tudo isto vae agora entrar nos eixos não se consentindo abusos que até hoje se teem praticado.

Sahido o que o *Mundo* considera abusos por parte dos seus adversarios, já se fica sabendo que não será de surprehender que amanhã, senão mesmo hoje, todos os jornaes sejam postos n'esta situação: ou começam a entender que tudo isto vae muito bem, ou tudo lhes vae muito mal a elles.

Pela nossa parte declaramo-nos promptos a achar que tudo vae muito bem e a adherir ao partido democratico ante publico confessando contrictamente, que a verdade, a pura verdade é que só o sr. Affonso Costa é grande e que o sr. França Borges é o seu propheta.

Não estranhem pois os nossos leitores se um dia virem entrar-lhes por casa o *Correio* transformado, de semanario monarchico, em semanario democratico, e se no nosso artigo do fundo encontrarem a mais enthusiastica apologia do sr. Affonso Costa, do seu partido e do seu governo.

De resto quando a caridosa prenenção do *Mundo* não bastasse para nos preparar a essa adhesão, o sincero desejo de que o sr. Affonso Costa se conserve no poder até conseguir completar a obra que com a sua ascensão ao governo iniciou, levar-nos-hia a empregar todos os nossos esforços para que as ambições dos outros partidos da Republica e os varios trues de que teem utilisado sempre para servir essas ambições, não consigam derrubar do poder a figura da Republica que melhor e e mais completamente symbolisa as aspirações que não pode deixar de ter um paiz, que havendo recolhido a casa apressadamente em 1 de Fevereiro, por detraz das cortinas se conservou em 5 de Outubro, e á espera dos jornaes com as noticias se deixou estar em 30 de Setembro e em 8 de Julho.

Evidentemente o desaranjo que tem havido, os descontentamentos que se teem manifestado no decorrer d'estes dois annos só uma causa podiam ter: o não haver subido ainda ao poder, para que pozesse em pratica as ideias que sempre tem exposto, e os prepositos que o seu partido tem manifestado sempre ao sr. Affonso Costa.

Desde que S. Ex.ª já está no poder, governando com o seu partido, e dada a attitude do paiz nas datas apontadas, não vemos motivo para nos não congratularmos com os factos e para que nos não mostremos dispostos agradecendo ao *Mundo* a sua leal e enternecedara prevenção, a adherir logo que das bandas de S. Roque se dê o signal.

Não se admirem pois se qualquer dia lhes apparecermos democraticos.

Pois se o paiz quer Affonso Costa, porque não o haveremos de querer nós tambem?

Declaração

As *Novidades* fazem, n'um dos seus recentes artigos de fundo, a seguinte declaração:

Não somos nem contra a Republica nem contra a monarchia; somos contra todos aquelles, que, no emprego das suas actividades, só cuidam na satisfação das suas ambições e na defeza dos seus interesses.

Em resumo: as *Novidades* são contra si proprias.

Está percebido.

Prisões russas

Diz o *Intransigente*, a proposito de uma descripção feita n'um jornal de umas tantas prisões da Russia, que se se fizesse a descripção do regimen presidiario portuguez, chegar-se-hia a duas conclusões: primeiro, que n'este capitulo todo o mundo é russo, segunda, que muitas vezes é precisamente a sociedade que o condemna quem incita o ladrão e quem arma o assassino.

Pois lembre-se o *Intransigente* que a esse regimen presidiario, nas cellas da Penitenciaria, sugeita a Republica Portugueza os seus condemnados politicos, é chegará a uma terceira conclusão;—a de que n'esse capitulo a Republica Portugueza é... russa, russissima, muito mais russa mesmo que a propria Russia.

Diminuição de exportação

A associação Commercial de Lisboa tornou publico que estava muito ralada da sua vida *por causa do decrescimo crescente da nossa exportação para os mercados brazileiros* e que resolvera mandar um dos seus directores a algumas praças do Brasil *inteirar-se das razões determinantes d'esse decrescimento.*

Não mandem o homem... que não é necessario maçal-o com a viagem para indagar de uma cousa que a Associação Commercial pode muito bem averiguar percorrendo o livro das actas das suas sessões n'estes ultimos tempos.

Leia essas actas, veja n'ellas o reflexo da politica que os seus associados teem feito, attente nos vestigios lá deixados pelas suas deploraveis questões como a que teve com o snr. Karl George, procure em vão quaesquer representações, protestos, ou qualquer acção contra a anarchia em que tem decorrido a vida do paiz n'estes ultimos dois annos, reflicta dois minutos, e já ficará sabendo porque diminue todos os dias a exportação para o Brasil, como ficará sabendo porque irá diminuindo tambem a exportação para os outros paizes.

Não mande o homem ao Brasil, que com isso só perde o tempo e dinheiro, e o mais que pode ganhar é *um calor*, pois como a Associação muito bem sabe o Brasil é um dos chamados *paizes quentes*, justamente porque, como decerto a Associação tambem sabe, faz lá muito calor.

O CORREIO

Em Paris:—Vende-se no kiosque n.º 10, em frente ao «Grand Café», Boulevard des Capucines.

Pathologia da Republica

Exgotamento demographico

O anno, que ha dias acabou, attingiu a maior elevação conhecida no quadro graphico da emigração portugueza. Não está ainda apurada a cifra exacta; mas, se a proporção não abateu nos ultimos mezes, deve andar, segundo os melhores calculos, por umas setenta mil almas que, como dizia o Snr. Antonio José d'Almeida, se *desintegraram... da alma nacional.*

Isto para um paiz como o nosso, já não é a emigração normal, essa exosmose de gente, que se compensa com uma endosmose d'ouro, essa *exportação de gado humano,* como lhe chamava Oliveira Martins, que tem sido o defeituoso e perigoso compensador do desiquilibrio da nossa balança commercial. Isto é uma fuga, uma debandada, um verdadeiro exodo, cujas causas já não são apenas economicas.

Apezar dos rudes golpes que a crise republicana vibrou à economia nacional, apesar da campanha agricola de 1912 ter constituido um dos maiores desastres que a lavoura portugueza tem soffrido—isso nao bastaria a explicar esse delirio emigratorio em que, n'uma especie de panico, dezenas de milhares de individuos, homens e mulheres, velhos, novos, creanças, familias inteiras, deixando casaes vasios, povoações desertas, se lançam em massa nos poröes dos grandes transatlanticos, atravessam o mar e vão ao longe refazer e recomeçar a sua vida.

Não, não ha negal-o. Aqui ha uma causa mais funda, mais intima, do que um motivo economico. Aqui ha uma causa moral. E essa causa moral, não tenhamos duvidas,—é a Revolução. E' a Revolução que a Republica desencadeou no Paiz com os seus processos demagogicos, e que ella, atormentada e afflicta, levada na torrente impetuosa dos seus erros, não sabe, nem pode já dominar.

E' preciso não conhecer as nossas massas ruraes, o mais vasto e fundo estrato da Sociedade Portugueza, para de prompto se não vêr, se não palpar esta flagrante causa do exgotamento demographico a que estamos assistindo.

Quem as observar attentamente, a essas massas, nos seus usos, nos seus costumes, no seu trabalho, nas suas crenças e superstições, na sua vida, na sua psychologia, e quem a essa observação juntar um conhecimento não muito profundo da sua historia, facilmente reconhecerá que nada ha mais compacto, homogeneo e estavel, menos fluctuante, e susceptivel de transformações, mais unionista e fundamentalmente conservador do que essas classes que, pelo numero, pela importancia, pelo factor que representam na vida nacional, são a base, o mais fundo alicerce moral e economico da Nação.

Tudo, á superficie d'uma sociedade, se altera e modifica, às vezes vertiginosamente: os systhemas politicos, as dynastias, a legislação, os costumes, as ideias, a litteratura, a arte,—tudo.

Vista por este aspecto, n'um quarto de seculo, uma sociedade não se reconhece. Mas, entretanto, no fundo, a massa rural mal sente os effeitos d'estas variações superficiaes. No relogio do tempo, ella tem a marcha lenta da agulha que marca as horas. Anda—mas devagar e quasi insensivelmente.

Os nossos reformadores-doutrinarios, sectarios, com mais formulas do que ideias na cabeça, sem a menor experiencia da vida nacional, sem o menor contacto com os quatro milhões de seres que, em Portugal, vivem da terra e para a terra, suppondo que todo o *Povo,* de quem se fizeram os procuradores e paladinos, se podia medir pela craveira das turbas demagogicas das cidades, que elles arengavam e excitavam á revolta,—os nossos reformadores foram inhabil e desastradamente mexer no que essa classe tem de mais melindroso, de mais susceptivel, de mais intimo, aggredindo-a violentamente nos seus sentimentos, na sua moral, na sua consciencia, e nos habitos e costumes secularmente tradiccionaes em que essas forças psychologicas se exteriorisam.

Desde que a Republica declarou guerra—e guerra de exterminio—ao catholicismo, pelo verbo altisonante e provocador do snr. Affonso Costa, a Republica declarou implicitamente guerra ás grandes massas ruraes, cuja vida moral se moldava dentro d'esse *credo.*

E essa guerra não ficou apenas em tropos e verrinas. Logo se fez sentir em actos ineptos e em violencias provocantes. Foi a estupida Lei da Separação, com todo o seu cortejo de inconveniencias, tyrannias, perseguições, ultrajes e brutalidades de toda a especie. Foi o famoso registo civil, a mais inutil creação da Republica, que seria pueril se não fôsse um processo manhoso de lançar uma alcavala sobre nascimentos, casamentos e obitos, para engordar as clientelas e confortar com umas migalhas a penuria do thesouro. Foi a lei do divorcio, fazendo do *sacramento social* da familia um puro *concubinato legal* sem grandeza, sem idealidade, sem esse nobre e forte espirito de sacrificio nas azas do dever, que é a sua essencia e o seu sentido.

O aldeão começou a ver o seu abbade expulso da residencia, perseguido, espancado, arrastado pelos tribunaes e pelas cadeias; viu a sua egreja profanada, e seus santos escavacados, as cruzes multiladas, uma cultual pseudo-catholica a dirigir o culto com um padre pensionista e casado; viu-se obrigado a pagar duas vezes, e mais cara ao conservador do registo civil do que ao parocho, a inscripção do seu casamento, a do nascimento do filho, e do fallecimento do pae; viu prohibidas as suas adoradas procissões, proscrita a cruz nos accompanhamentos funebres, interdito o viatico aos moribundos com o seu cortejo de luzes trémulas, o seu triste *miserére,* tão piedoso e comovedor.

Que gente era esta que assim achava máo e condennavel o que elle venerava e lhe constituia o melhor thesouro da sua vida moral? Porque se lhe apresentaram como seus libertadores aquelles mesmos que o apprimiam na sua fé, nos seus habitos, nas suas tradicções? Diziam-lhe que a religião era uma tyrannia e o padre um explorador.

Mas a tyrannia que elle sentia era de quem o contrariava nos seus sentimentos religiosos, e o homem do registo civil não tinha para elle palavras de conforto nas más horas, como tinha o padre, nem, como elle, o protegia nas mil e uma coisas da vida, n'um patronato que elle pagava com a simples dedicação politica.

Tudo isto o suprehendia, o inquietava, lhe assombreava o espirito. Tudo isto offendia a sua consciencia e alterava os seus habitos. Começou a extranhar os tempos novos, a sentir-se mal.

Entretanto á sua aldeia chegavam noticias de desordens, prisões, movimentos de tropas, explosões de bombas, rumôres de guerra civil.

O anno agricola fôra mau.

Do Brazil, os parentes, os conhecidos, que vão governando a vida, tentavam-n'o a ir. Então appareceu o engajador. Resolveu-se. Embrulhou o que tinha, encheu a arca, vendeu o oiro da mulher—e partiu.

E, atraz d'elle, outro foi, e logo outro, e outro. A fonte fez-se regato, o regato ribeira, a ribeira torrente. Foram aos centos, aos milhares, despovoando os casalejos, deixando a terra inculta, levando a riqueza do seu braço, por sobre o mar, a um paiz estranho...

E, entretanto, a Republica apertava as mãos na cabeça.

Os seus Solons e Lycurgos parafusavam leis, qual d'ellas mais engenhosa, para pôr um dique a esta corrente exgotante e depauperadora da riqueza nacional.

Mas, nenhum remontou à origem do mal, nenhum percebe ou quer perceber que não é só a fome que faz emigrar os homens, como faz emigrar os animaes: é a creação d'um meio hostil á sua alma, são as violencias feitas à sua consciencia, são os attentados à *liberdade de pensamento e de crença,* que nunca deixam de ser duramente expiados por todos os regimens que os commettam—monarchias ou republicas.

Sim, o nosso exgotamento demographico provem, principalmente, d'isto. E parece que é uma ironia do Destino, este caso singular d'um povo a fugir em massa d'uma Republica, que se diz creada para elle!

DOUTOR THALASSA.

O Genio Militar de Mouzinho d'Albuquerque

Entrevista com Ayres d'Ornellas

O erudito polygrapho brasileiro Dr. Eduardo Prado confessou n'um vasto artigo da *Revista Moderna* quanto o seu intimo amigo Eça de Queiroz a assombrára, revelando-se senhor de conhecimentos de enfadonha acquisição a que Prado nunca suppozéra capaz de entregar-se o romancista.

E a despeito da forte cultura de Eduardo Prado, a sobrevivente crendice nas Musas.

Que admira que a alma nacional se explique nos feitos de Mousinho d'Albuquerque pelo mesmo toque magico de inspiração, com que Antonio Pedro maliciosamente explicava as creações de grande tragico?

Antonio Pedro, com a comprehensão do seu meio social, tão propenso ao erro authropomorphico, e tão impiedoso para as tenacidades conscientes, desculpava-se das suas creações de genio, com um encolher de hombros e um breve: «*calhou!*»

Portugal está ainda na sua: a vida militar de Mousinho d'Albuquerque foi uma somma feliz, um golpe que bateu certo, um tiro que deu no alvo não pela pontaria certeira do atirador mas porque as azas de *Ivis seraphius* mexeram o alvo até encontrar o tiro.

O povo admira Mouzinho, mas concede-lhe apenas admiração como a um bom cabo de guerra.

E Mouzinho era uma d'essas raras organisações em que o cerebro valia o braço, e o homem de acção era bem servido pelo homem de intelligencia.

E' uma d'essas figuras que as nacionalidades raramente criam, conjugando as qualidades especulativas e as forças para a acção, seres eleitos que reflectem e resumem no breve momento d'uma vida humana as expressões culminantes da longa vida social.

E, para nos convencermos todos do grande homem que foi Mouzinho d'Albuquerque basta ouvir o que Ayres d'Ornellas nos conta hoje n'esta entrevista.

A campanha dos Namarraes

—Um mez depois de chegar a Lisboa, narra Ayres d'Ornellas, escrevi a Mouzinho d'Albuquerque pedindo-lhe que visse se me arranjava qualquer coisa para eu voltar para Africa. A vida de Lisboa aborrecia-m', acostumára-me a uma vida de acção. Todos os que teem estado no ultramar, sabem como se lhes torna depois insupportavel a vida da Europa. Era fevereiro, eu aportara a Lisboa em janeiro; esses tristes dias de inação foram-me bastantes para descançar de Africa e me cançar de Lisboa. Ora aconteceu que a minha carta se cruzou com a nomeação de Mouzinho para Governador Geral. E eu fui procurado pelo snr. Leotte do Rego, ajudante do ministro da marinha, snr. Jacintho Candido, que me ia dizer que o ministro me queria falar nessa mesma noite. Fui, e o snr. Jacinto Candido mostrou-me o telegramma de Mouzinho d'Albuquerque respondendo ao convite do governo para Governador Geral.

—E a resposta era...?

—Que acceitava desde que lhe dessem para seu chefe de estado-maior o tenente Ayres d'Ornellas. Uma condição que elle impunha. E' o meu melhor titulo este convite de Mouzinho.

—Mouzinho já teria recebido a sua carta exprimindo o desejo de voltar para Africa?

—Não, senhor, a carta ainda ia pelo caminho.

—E V. Ex.ª acceitou immediatamente?

—Immediatamente. O snr. Jacintho Candido perguntou-me quando queria partir e eu respondi: no paquete do mez que vem. Logo que cheguei, comecei o estudo do que veio a ser a campanha dos Namarraes.

—O que determinou essa campanha?

—Em frente á ilha de Moçambique não havia 14 kilometros (Matulla era o ultimo posto e estava a 13 kilometros) em que o dominio português fosse reconhecido. A faxa littoral norte era povoada de arabes, mestiços, descendentes de esclavagistas mussulmanos, e portanto não só inimigos naturaes dos brancos mas do dominio, que lhes acabasse com os proveitos da escravatura. Essa zona bellicosa sepamva o mar das zonas productoras do interior, habitadas por populações pacificas.

Para chegar a essas populações productoras e pacificas era necessario atravessar a zona bellicosa, que, para mais, era até certo ponto reforçada por outra zona de salteadores, que ganhavam a vida roubando as caravanas que se affoitavam a ir ao litoral commerciar. D'ahi, a campanha dos Namarraes cujos resultados se viram no augmento da cobrança das contribuições, no augmento do trafego, etc, resultados expressos por uma serie de numeros que estão publicados nos documentos officiaes e que mostram o que essa campanha rendeu. Como vê tanto as campanhas de 1895 como a dos Namarraes foram impostas pelas circunstancias.

—E a de Gaza? Eu insisto em saber a genesis das campanhas, porque, como sabe não faltou quem propalasse que as campanhas de Africa foram apenas um *sport* de heróes.

—Tolices de quem não conhece o Ultramar e portanto tem pouca conta o nosso poder colonial.

A Campanha de Gaza

—Conheço as campanhas contra as campanhas, mas não faz mal explicar mais uma vez á opinião publica a necessidade que houve em organisar e levar a cabo, as campanhas de Moçambique, dos Namarraes e de Gaza.

—A campanha de Gaza foi indicada por uma revolta, provocada por destempêros e êrros de alguns, como o sr. Sanches de Miranda, cujas tolices como governador não ha razão para calar.

A revolta deu-se e Mouzinho d'Albuquerque teve então de ir vencer a revolta de Gaza. Ahi havia ainda outro elemento estranho: os engajadores de prêtos para o Transvaal. D'ahi surgiu no espirito de Mouzinho o 1.º Regulamento do Trabalho (novembro de 1897) negociado com o Leyds que era o secretario de Estado de Krugger, o presidente da Republica do Transvaal, regulamento que serviu de base a todos os accordos entre a provincia de Moçambique e o Rand. Esse regulamento do trabalho, bem como o da contribuição industrial augmentou a cobrança. E teve outros. Foi Mouzinho d'Albuquerque que introduziu a moeda portuguêsa na provincia...

—Então...?!

—Havia o dollar, havia as barrinhas d'oiro, a rupia allemã de Zanzibar, a piastra, o cahos! As fluctuações do cambio e as diversidades do typo monetario davam logar a depreciações para a Fazenda—cujos funccionarios nunca sabiam ao certo quanto recebiam—, e a exploração do indigena que nunca sabia quanto tinha a pagar. Essas três fórmas do primeiro periodo de governo de Mouzinho foram possiveis pelas largas attribuições de Commissario Regio que lhe deu o sr. Jacintho Candido, comprehendendo o axioma de Antonio Ennes: *Moçambique deve sêr governado em Moçambique.* E essas reformas provam tambem quanto era completa a figura de Mouzinho.

Mouzinho d'Albuquerque commandante

—Era então um espirito superior, Mouzinho?

—Raro, culto, e com uma visão, um golpe de vista para o commando como não tornei a ver. Vou-lhe contar dois factos typicos que dão a medida do que Mouzinho era como commandante militar, e que se passaram comigo. Um foi no combate de Macontene...

—Revolta de Gaza?

—Revolta de Gaza: 27 julho 1897. O avanço dos Vatuas fôra mais persistente, mais methodico e mais teimoso do que em Coolella, Ahi as *mangas* tinham-se atirado ao assalto com uma impetuosidade de pasmosa, mas por esforços successivos: em Macontene, não. Abriram em volta do quadrado, foram-o envolvendo pelo fôgo, e foram avançando aproveitando os abrigos que o terreno lhe dava. Mouzinho ordenou-me que mandasse abrir fôgo por descargas quando os Vatuas estivessem a quatrocentos metros. E com grande surpresa minha, apesar de ser visivel o effeito que o nosso fôgo produzia nas fileiras do inimigo, não se notava n'ellas o mais ligeiro symptoma de hesitação. Pareciam absolutamente resolvidos á approximar-se lentamente do quadrado, até que a curta distancia se podessem atirar á carga. Eu já pensava na necessidade de lembrar a Mouzinho que mandasse passar ao fôgo de repetição, quando de repente, em frente da face mais atacada, vi 3 ou 4 indigenas levantarem-se para fugir, e disse a Mouzinho:

—«*Olhe! já lá fogem tres ou quatro!*»

—«*Mande sair já a cavallaria.*»—respondeu-me Mouzinho.

—Fiquei de tal maneira admirado com a ordem que instinctivamente olhei outra vez para elle.

—«*Mande sair já!*»—repetiu Mouzinho.

—Fui ter com o commandante da cavallaria, fiz sair os 50 cavallos pela face da rectaguarda, e colloquei-os no flanco do quadrado, voltados para o lado donde vinha o ataque:

—E Mouzinho?

—O Mouzinho...—e Ayres d'Ornellas suspendeu a resposta como se estivesse a admirar ainda uma vez o gesto do commandante—o Mouzinho, quando eu voltava para lhe dar conta de estar executada a ordem, sahia já do quadrado, e tomando o commando, largou-se á carga com os cincoenta cavalleiros contra os cinco mil e tantos *vatuas* que atacavam o quadrado.

—O effeito?

—Fulminante, irresistivel! Parecia um formigueiro quando se lhe rebenta o monte. Por toda a parte até onde a vista alcançava, não se via senão surdir pretos, mas o effeito da carga foi dicisivo porque nunca mais se poderam reunir as *mangas* e o poder militar *vatua* estava deveras vencido. Isto é a decisão do commando. E' um rasgo do genio de commandar! E'

saber o momento em que devia largar a cavallaria. Só Mouzinho d'Albuquerque soube ver o momento; todos, nós, a começar por mim, suppunhamos que não era ainda aquelle o momento de dar a carga. Quem é militar conhece o valor que tem no combate a visão e a rapidez do commando! Mouzinho tinha, a visão dos seus golpes, e a decisão que torna invenciveis e queridos da victoria os chefes militares.

—E o segundo facto que prometteu narrar?

—O segundo deu-se quando da prisão do *Maguigana*.

—Na mesma campanha?

—Exactamente. No fim d'uma tarde de marcha, nós tinhamos chegado a um ponto onde se dividiam duas pistas. Um dos trilhos havia sido evidentemente seguido por muita gente, com carregadores, animaes, etc; o outro era uma pista de gente de guerra. Os guias diziam que o primeiro trilho fora seguido pelo *Jambul* (tio do Gungunhana; ultimo régulo da familia) com todas as suas mulheres, escolta, etc, etc; a pista da gente de guerra era a do *Maguigana*, com os poucos que o acompanhavam. Mouzinho mandou fazer alto, e, emquanto se descançava, disse-me:

—«*Vá pensando no que se deve fazer.*»

—Pensei e pareceu-me que, de facto, se devia perseguir o *Jambul* que nos daria um resultado positivo e seguro, visto como se agarraria o ultimo representante da familia dos régulos de Gaza, todo o seu sequito que representaria os personagens mais importantes, e isto conseguir-se-ia com facilidade, porque a quantidade de gente que marcava o trilho indicava claramente que não podia andar muito depressa. Pela outra pista seguiam algumas dezenas de homens de guerra, que em menos de 2 dias podiam estar na fronteira do Transvaal, nas serranias dos *Libombos* onde seria muito difficil meter os cavallos. E com todas estas razões, que eu achava muito boas, me apresentei ao Mouzinho quando tres quartos de hora depois acabava o alto:

—«*Você acha então que se deve seguir o Jambul?*»

—«*Acho mais seguro*» respondi eu.

—Mouzinho não me disse nada. Mandou montar, e quando chegou á bifurcação dos dois caminhos, olhou para mim, sorriu, e tomou a pista da gente de guerra. Iamos na peugada do *Maguigana*. Trinta e seis horas depois, o *Maguigana* era agarrado e morto. Outra vez aqui o chefe militar revelava que sabia ver!

—Mouzinho d'Albuquerque era, pois, um official completo?

—Completissimo. Com todas as qualidades natas do genio militar, a visão purissima dos problemas, que se não deixa perder com pormenóres e vae direita ao fim, e uma cultura profissional, uma somma de leitura que lhe deu uma cultura digna da sua excepcional intelligencia. Não é nada do que a lenda reza, rendilhada perante o golpe do Gungunhana. Todos os seus passos eram medidos, premeditados e seguros. E só assim se comprehende a sua carreira. Olhe: eu li ainda na escola uma phrase de Jules Simon que copiei e que ainda hoje me parece a formula que um homem, de força de vontade e que confia no seu trabalho, deve adoptar por divisa.

—Qual é?

—*C'est l'homme qui fait son chemin!* E' assim: o homem é que faz a sua carreira. Hereditariedades, a epoca, o meio, ambiente, tudo isso conta: mas não são só as circustancias que teem o poder de fazer o homem. O homem é que talha a sua vida. Mouzinho d'Albuquerque premeditou culminar de gloria a historia contemporanea portuguêsa, e conseguiu-o!

JOAQUIM LEITÃO.

V. Pinto de Faria
Commissões, Consignações e Conta propria
R. de D. Pedro, 110—2.º PORTO
Acceita representações de casas nacionaes e estrangeiras

DEMOCRACIA

II

Não deixa de ser um pouco embaraçado discutir as ideias democraticas, tal é a quantidade de formulas que os seus propugnadores apresentam e o vago, a imprecisão, de todas ellas. No breve espaço de seis annos, de 1789 a 1795, as proprias taboas da nova lei, a celebrada Declaração dos Direitos do Homem, teve nada menos de tres redacções differentes, em nenhuma das quaes escapou intacta sequer a ideia fundamental dos democratas, o principio da igualdade, que de umas para outras andou em bolandas.

Factos como este tornam elementarmente facil uma argumentação tendenciosa: a confrontação de meia duzia de formulas representativas de identica noção permitte tirar effeito do contraste entre a sua muito variavel extensão, ajuda a pôr em destaque as contradições que frequentemente as caracterisam e serve para evidenciar a desordem d'espirito que lavra entre os membros da seita. Mas esses processos de contestação, aliás de uso consagrado em todos os debates, se deleitam o espirito que sempre aprecia a subtileza não satisfazem todas as consciencias. Indulgentes para com as insufficiencias da exposição oratoria ou litteraria, estas só se preoccupam com o grau de verdade que na noção aventada possa ser contido. Para ser proveitosa, portanto, uma analyse das ideias democraticas terá de ser feita com absoluta honestidade de processos submettendo-se a sereno exame, sem questiunculas de terminologia, a essencia das proposições. Quanto as defficiencias do investigador assim permittam, será esse o criterio que orientará o presente escripto.

✠

As bases da democracia contemporanea foram lançadas pela revolução franceza. Estabelecem ellas quatro degraus fundamentaes, tres relativos ao individuo, o quarto referente á nação. São symbolisadas as primeiras pelo conhecido lemma —liberdade, egualdade, fraternidade—proclama o ultimo que—o principio da soberania do Estado reside no povo.

E' bem sabido como são absurdos os dogmas democraticos relativos ao individuo.

A absoluta liberdade das acções de cada um só poderia ter existido no estado de completa selvageria, antes da constituição do primeiro nucleo social, pois um pouco de reflexão mostra claramente que as necessidades da vida em commum acrescem inevitavelmente e em grau crescente parí-passu com o avanço da civilisação.

A perfeita egualdade dos individuos é inicialmente recusada pela propria natureza que nem as impressões digitaes de dois pollegares deixa confundir; tanto no physico como no moral e no intellectual, a diversidade dos dotes pessoaes é inexgotavel e causa uma correlativa desigualdade de condições. O dogma da fraternidade nem merece referencia fôra do jocoso: é antagonico da vida, tal como ella existe á face do globo em qualquer dos reinos da creação, onde a observamos sempre condicionada pela lucta.

Movida, porém, pelo mais tyrannico espirito, sua caracteristica real que só as palavras desmentem mas que todos os actos confirmam, a democracia não quiz saber do absurdo dos seus dogmas e no decurso da ultima decada do seculo 18 pretendeu impôl-as, pela força, á França e ao resto da Europa: com o chuço e a guilhotina, como se recordou atraz, no interior do paiz gaulez, sob o pezo de invasões repetidas, desde Lisboa a oeste, até Moscow a léste, nos outros povos da Europa.

Teve varios episodios, bem conhecidos, a tragi-comedia cuja acção excedeu um quarto de seculo. Como muito bem diz um dos seus mais recentes commentadores (Le Bon) nunca houve empreza que fosse tentada com semelhantes elementos de successo as theorias que pretenderam realisal-a tiveram nas mãos uma auctoridade superior á de todos os despotas. E no entanto, ao cabo de tão numerosas e de tão sacudidas convulsões, as cousas tornaram a reconstituir-se sensivelmente da mesma maneira mantendo-se a democracia na região dos mythos onde estivera no passado e ha de continuar no decorrer dos tempos futuros.

No seu fôro intimo, apezar das vituperantes invectivas com que á falta de argumentos costumam mimosear os seus contradictores, mesmo os mais ardentes democratas se incommodam com a força de verdade dos factos cujo resumo acabou de ser feito. E conscientes da inviabilidade de qualquer systema que de chofre imponha a democratisação das sociedade nas bases immutaveis da classica trilogia—liberdade, egualdade, fraternidade —argumentam com a difficuldade da lucta pelos seus ideaes nas condições do presente, declamam contra a acção prevertidora das sociedades actuaes, tornando a perfeita realisação da aspiração democratica, condicional da adopção de uma ideia complementar que elles definem como—a previa democratisação do poder politico

Despotas por feitio como nenhum dos tyrannos da antiguidade, porfiam sempre pela conquista do poder sob o pretexto de que o exercerão por forma a, finalmente, convencerem os ultimos recalcitrantes—extinguindo-os, é de suppôr. Contam para esse effeito com a realisação do seu quarto dogma, d'aquelle que, relativo á nação, confere ao povo o exercicio da soberania no Estado.

Importa pois estudar com maior attenção este ultimo aspecto da democracia, agora prevalecente sobre todos os outros que, confessadamente, ficam addiados para o novo millenium.

EDUARDO LUP.

De Rosseau a Bonnot

A campanha aqui por vezes tão emocionante da Segurança Publica contra os *propagandistas pelo facto* tem naturalmente atrahido a atenção para as ideias desses que se intitulam *anarchistas*, ainda que pareça grande a distancia que separa um Bonnot ou um Garnier, de Elisée Reclus ou de Kropotkine.

Na realidade, a filiação intellectual destes inimigos da Sociedade vem bastante mais de traz. E quando Rivarol lançava contra os philosophos do typo Rousseau a *boutade* famosa:—Sê meu irmão ou mato-te,—tinha desde logo marcado as theorias e as locubrações do philosopho de Genebra com a tára logica da doutrina. E' deveras com um horror sagrado, no sentido latino da palavra, que se pensa nas perniciosas consequencias que tem tido na evolução da sociedade a serie de destemperos que constitue o Contrato Social. Nelle tudo é artificial, criado pela theoria, filho do erro de um dos mais doentios orgulhos individuaes que regista a historia litteraria; delles proveiu o sophisma primordial e basilar de toda a doutrina: o homem nasce bom, as instituições é que o pervertem. E desde que o homem é bom por si proprio e em si, tudo quanto elle faz é bom e a licença para todo o appetite e para a illimitada largueza do instincto fica desde logo proclamada e demonstrada.

Quer dizer, e logicamente, todas as peias, todos os obstaculos que sob a forma e o nome de leis, de organisação social, de hierarchia, de autoridade, não procuram afinal senão limitar o livre desenvolvimento do instincto, não tem razão d'existir, devem desapparecer.

E surge a guerra a toda a ordem social, e a humanidade transforma-se n'uma multidão anarchisada, verdadeira alcateia de lobos, como a definia o scepticismo de Hobbes, apertando-se, mordendo-se, assassinando-se para a conquista immediata e prompta do caso material.

Custa ainda a muita gente ver o problema com tal crueza. E' precisa uma certa dose de coragem para confessar esta situação e para reconhecer e proclamar que negada a existencia de Deus, fonte e origem de toda a Autoridade, annullado assim este principio indispensavel a toda a ordem social, destruida em seguida a familia desde que o matrimonio sem o caracter religioso não é senão um obstaculo ao *amor livre*, fica, do homem redimido por Deus, a fera primitiva sem obstaculo algum que a possa reter na lenda perversa onde a meteu o peccado original; e tendo com todas as *Ideias Modernas*, com todo o *Progresso Scientifico* destruido o sentimento religioso, fundamento da Sociedade civil, a Sociedade apparece agora desnorteada e desarmada perante as feras que gerou e que, revoltadas contra ella só tem em mira destruil-a!

«Não faltam homens, escrevia Pio IX na celebre Encyclica *Quanta cura*, que appliquem á Sociedade civil o *impio e absurdo* principio do naturalismo, como elles o chamam: ousam ensinar que a perfeição do governo e o progresso civil exigem absolutamente que a Sociedade humana seja constituida e governada, tendo em tanta conta a religião como se ella nunca tivesse existido ou pelo menos sem estabelecer differença alguma entre a verdadeira e as falsas.»

«Quando a religião é banida da Sociedade, continua mais abaixo o Santo Padre, a doutrina e a autoridade da revelação divina são regeitadas, a verdadeira noção da justiça e do direito humano, perde-se, e a *força material* toma o logar da justiça e do direito.»

Quem não vê, e não sente perfeitamente que uma sociedade subtrahida á acção religiosa e da verdadeira justiça não pode ter outro fim senão o amontoar da riqueza, e em todos os seus actos não ter outra lei senão a ancia indomavel de satisfazer as paixões e alcançar o gozo e o prazer?»

Aqui está prevista e condemnada a insurreição do individuo contra a sociedade, aqui está demonstrado o erro do mais falso talvez dos dogmas revolucionarios: é certo, houve quem sonhasse e devaneasse uma sociedade communista, sem Deus nem Rei, em que cada homem seria bom, *altruista*, virtuoso, sensivel, mas para conseguir arrebanhar a humanidade nesse phalansterio era precisa a sancção terrivel da guilhotina e do Terror. Livre dessa opressão, ás theorias e ás predicas de Reclus e de Kropotkine respondiam Ravachol e Vaillant e respondem hoje Bonnot, Garnier, ou esse curioso Raymond Guillenier, por alcunha a *Sciencia*, tal era a mania de justificar e explicar os seus actos por todos esses principios dissolventes que os manuaes de vulgarisação barata intitulam Scientificos.

Reclus e Kropotkine, foram homens d'estudo e de reflexão, reprovando a violencia. Mas a doutrina é mais forte que elles. Proclamada a guerra á sociedade para que é esperar que ella se transforme pela evolução das ideias?

Porque é que eu não me hei-de aproveitar das ideias que professo? Falseada a intelligencia, exacerbado o orgulho, o que obriga a aguentar os obstaculos que a sociedade quer ainda manter para sua defeza? Em opposição á *expansão integral do individuo*, é a formula em vigor, devem ser pura e simplesmente destruidos, e alcança—se assim o typo ideal, do homem liberto dos preconceitos que impedem a marcha do progresso.

A humanidade pode ser feliz pela anarchia, diziam os intelectuaes; mas vamos nós atacando a sociedade actual, acrescentaram logo os Ravachol e Vaillant; e antes de começar, vamos tratando nós de nos arranjar e de nos tornar felizes á sua custa. E temos Bonnot, Garnier, Nourry e os actuaes. Os attentados, já não são tragicas *lições de coisas, propaganda pelo facto*, sem proveito pessoal, para orientar o proletario para a revolução social; agora são perpetrados para obter o gozo ou o proveito pessoal immediato. E' a consequencia ultima do systema.

E' o resultado logico da *demagogia*.

Na pagina admiravel, acima citada de Pio IX, o grande Pontifice previa com singular clareza os males da epocha presente, e condemnava os êrros que os iam determinar. Coube depois a Leão XIII n'uma serie de documentos celebres precisar e definir a doutrina da Egreja sobre tão importantes materias. Na Encyclica *Diuturnum* desenvolveu a doutrina christan do Poder Politico; na Encyclica *Immortale Dei* definiu a Constituição christan dos Estados, e a natureza das relações entre a Egreja e a Sociedade Civil; finalmente com a Encyclica *Libertas*, vem coroar o edificio com a mais magistral e completa exposição da ideia da Liberdade Humana. N'ella novamente condemna a doutrina dos que ensinam e reclamam de facto a liberdade illimitada, apoiando essa reivindicação na negação da dependencia moral da Sociedade para com Deus. Isto é, a liberdade não deve nunca apresentar-se como illimitada, sem freio, sem medida, ou como podendo degenerar n'uma licença tal, que não haja opinião tão perversa e excessiva que a justifique. E foi ainda o mesmo Pontifice, que na Encyclica *Rerum Novarum*, a mais celebre das suas, vem indicar, na doutrina catholica o remedio aos males das sociedades modernas. Só a Egreja faz viver as almas, só a sua doutrina penetra as vontades e as obriga a obedecer aos preceitos da Lei de Deus. O problema social é antes de tudo um problema moral. E se a sociedade moderna se deve curar só o poderá conseguir inspirando-se na ideia religiosa e nas instituições christans.

Por isso todo o inimigo da Sociedade é antes de tudo e mais nada, por essencia e definição, *anti-religioso*.

Paris, 10 de janeiro de 1913.

AYRES D'ORNELLAS.

Em casa de Paul Adam

Uma entrevista que toma as proporções d'uma conferencia

Nem o sr. Poincaré, nem o diplomata bulgaro Daneff, nem Rechid Pacha que tem á perna Jules Hedeman, o *recordman* das entrevistas telegraphicas que diariamente saboreamos no *Matin*, nem *sir* Edvard Grey teem sido n'estes ultimos tempos tão entrevistado, como Paul Adam.

E' uma entrevista em moda.

O *Excelsior*, que foi dos primeiros a publicar uma elegante columna de André Muller, o *Gil Blas*, os jornaes e revistas francêzas, os correspondentes americanos, toda a imprensa dos dois continentes correu ao Quai Passy, 16, onde mora o original autor do *Sol de julho*.

Paul Adam foi sempre, desde a sua collaboração no *Journal*, um espirito muito independente e pessoal.

Natural de Arras,—conterraneo de Robespiérre portanto—, a principal cidade do departamento do *Pas de Calais*, provincia caldeada por uma larga emigração hespanhola, Paul Adam é um latino e um meridional no typo, no cerebro e nos gostos.

Corpo meão fortificado por uma muralha thoraxica rara no francês, em geral delgado e com o peito ás costas, uma barba cerrada, castanha, d'um castanho

doirado, cabello ondulado, pescôço curto, —é um exemplar hespanhol, com o olhar azul regado por espuma gaulêza.

D'essa ancestralidade peninsular conjugada com a *finesse* do espirito francês, provém a sua maneira de escriptor: requintado na forma, apaixonadamente colorista, e seduzido pelos assumptos concretos da vida, que elle descreve enquadrando-os n'uma imaginação francêza que nem o castelhano, nem o luzo possuem.

E se essa bizarra e curiosa feição do escriptor se nota ao lê-lo, ella precisa-se ainda mais quando Paul Adam fala.

O jornalista francês, habituado como todo o jornalista a desenvolver a nota da reportagem ou o grito telegraphico, fala sem difficuldade e não é avaro das suas palavras.

Mas o escriptor, a primeira coisa que pergunta ao entrevistador é: *De quoi s'agit-il?*. Não estando acostumado a occupar-se graphicamente senão de um assumpto, de um thema, de uma these, quer saber qual é a these, o thema, o assumpto que se lhe vae propôr.

Paul Adam é uma excepção. Peninsularmente falador, uma entrevista, com elle, toma logo as proporções de uma prodiga conferencia.

André Muller contou-me que sahira de casa de Paul Adam com material para cinco columnas.

E foi evidentemente, a sua exuberancia meredional que fez de Paul Adam um *conférencier*, ao qual a França deve já grandes serviços n'um apostolado patriotico, ao qual o Brasil fez appêllo para a serie de conferencias que elle vem de realisar no grande imperio da America Portuguêsa, e ao qual nós devemos as interessantes licções que recolhêmos n'esta visita a casa de Paul Adam.

A sua voz, dada ao rythmo de prosa e trenada na dicção, não tem uma hesitação.

Mal lhe annunciámos a nossa visita. Invadimos-lhe a casa que olha enamorada o Senna, n'essa zona do Quai Passy que com as locomotivas dos *tramways* por ali a manobrar, as carroças, de areia ou pedra, tiradas a tres e quatro cavallos normandos de patas felpudas, com o seu bulicio, o seu desarrumo de caes, lembra o Atêrro.

Paul Adam entra no salão, senta-se e, sem uma difficuldade, sem perder um momento, sem uma pesquiza de memoria nem uma phrase de introito, sem uma mulêta, ataca a resposta, de cerebro esperto, fôgo creador que a vestal do talento nunca deixa esmorecer.

Sentado n'uma elegante cadeira, o gálgo branco atravessado nos pés, a sua palavra colleia a idea, e a sua mão não cessa de ageitar, alindar, de sublinhar o que diz.

E' o *conférencier*, a effeito a dar ao verbo a vida do gesto, peculiar ao actor e ao orador.

A idea jorra, como agoa viva ao pé da nascente, em golfadas matisadas de luz; a expressão é submissa: mas de vez em quando, o esculptor da palavra demóra um pouco a declinação da phrase. E' o tempo bastante para considerar o geito do seu marmore: e, então, a mão polpuda gira na articulação do pulso, as costas da mão desapparecem, e a palma da mão apparece graciosamente, em concha, como se o escriptor, tendo alcançado a forma ambicionada e perfeita do pensamento, nol-o fosse mostrar, na palma da mão, materialisado n'uma esculptura.

Foi uma deliciosa tarde, uma verdadeira festa intellectual, um banquête de ideas, essa entrevista com Paul Adam, em que passaram as superiores preoccupações do escriptor e as grandes preoccupações da França,—o Genio Latino, a colonisação, a Tunisia e Marrocos, o internacionalismo e o patriotismo, as consequencias da laisação francêsa.

Cada um d'esses têmas será uma entrevista.

Paul Adam é muito grande para lh'o podermos mandar para Portugal d'uma vez. E' preciso ir em varias remessas, desaparafusado como as machinas rotativas que, mesmo tirando vinte mil exemplares á hora, não communicam a idea com a rapidez do pensamento de Paul Adam, que parece sair sempre em oito paginas de grande formato.

JOAQUIM LEITÃO.

Phantasias

As lamas de Paris

Toda a manhã cahira uma chuva miudinha e impertinente, que pouco a pouco fora transformando as ruas do meu bairro em grandes depositos de lama, que os *autobus*, passando, lançavam para o lado, para os passeios, para as *dévantures* das lojas, n'um arremesso de machinismos feitos para esmagar gente e desdenhosos d'aquella massa espapaçada e molle, sem vida para arrancar, sem corpo para fazer soffrer.

Procurando fugir á ameaça do enlamento pelos *autobus* o unico refugio que ao *autobus* se offerece, e que é elle proprio, saltei lépido para o primeiro carro que appareceu.

Junto de mim um sugeito, de oculos e fitinha vermelha na *boutonière* lia interessado a meia voz, a um amigo que se lhe sentára em frente, um artigo de jornal em que, em traços rapidos e violentos, se esboçavam figuras que, evidentemente, eram de criminosos, e dos da peor especie.

Apurando o ouvido, interessado tambem, fui percebendo pouco a pouco, em trechos soltos, o horror das individualidades que o jornalista esboçava. D'um se dizia que na vida de familia não soubera manter aquella autoridade que convem a homens respeitaveis: d'outro se fallava apontando-o como intelligente, sim, mas de absoluta falta de escrupulos em negocios; sobre um outro se alludia ao casamento embrulhado com uma dansarina desembrulhadissima; aquelle outro se accusava de uma vida passada em negocios escuros de companhias fallidas; a mais áquelle se dizia que, sahindo dos limites legaes d'um juro razoavel, entrara pelo campo defeso da usura e do abuso de confiança. E todas as outras paginas se sucediam assim, criminosas ou rêles, no quadro que o jornalista ia vigorosamente traçando.

Como varias vezes tivesse julgado distinguir em meio da leitura a meia voz de semelhantes horrores, nomes conhecidos, nomes celebres em França, não podendo reprimir a curiosidade e, dirigindo-me ao sugeito que lia o jornal, perguntei:

—Perdão... E' de criminosos celebres que se falla n'esse artigo, não é verdade?

Elle, levantando os olhos de jornal, fitou-me por cima dos oculos. Depois respondeu:

—Não, senhor... De criminosas celebres nunca o jornal fallaria com este desrespeito e com esta violencia... Veja lá como os jornaes trataram Bonnot... como trataram Garnier...

—Trataram como d'antes só era costume tratar-se Napoleão, interrompeu com ar compungido o amigo que lhe ia sentado defronte.

—Não, perseguiu o sugeito de oculos, não é de criminosos celebres que trata o artigo. E' dos candidatos á presidencia da Republica.

E como eu estranhasse que taes horres se escrevessem de homens que considerava dos de mais prestigio da Republica, o meu interlocutor, olhando um sugeito que estava na rua, no passeio, e sobre o qual o *autobus* acabava de lançar uma chapada de lama, disse-me com solemnidade:

—Meu caro senhor... Ha duas cousas que se não podem ser em Paris sem se ficar coberto de lama dos pés á calça: transeunte em dia de chuva e candidato á presidencia da Republica.

ANSELMO.

CHRONICA MILITAR

Paris, Janeiro de 1913

Insensivelmente e sem que talvez saibamos explicar mesmo a razão porque, o nosso pensamento, ao pegarmos na pena para escrever esta Chronica—a primeira de 1913—atirou um salto medonho atravez dos tempos e foi parar um século á rectaguarda: a 1813...

E ficámos longos minutos a recordar o que então eramos e o que somos hoje em dia, neste anno da graça, que ora começa...

Ha cem annos «mandava» ainda na Europa, o Grande Córso, que alem, sob o velho *Dôme* dos Invalidos, dorme o eterno somno dos Heroes, entre os farrapos gloriosos tomados em Austerlitz e perto dos irmãos José e Jeronymo, ambos içados á realeza, com o reflexo do seu genio incomparavel.

Por este tempo, já se caminhava a passos agigantados para a Grande Colligação europeia, que havia de atirar um anno e tanto mais tarde, com o Colosso derrubado para a soberania irrisoria de Ilha d'Elba.

A retirada da Russia, de 1812, fôra o signal: atraz da Russia, a Austria e a Prussia e a Suecia e a Confederação do Rhêno... A 22 d'este mês os Russos attingiam o Vistula e paravam finalmente na perseguição ás miserrimas *epaves* da grande armée. Dos 600:000 homens, que tinham, em 24 de maio de 1812, atravessado o Niémen, 300:000 ficavam sepultados nos gelos, de Moskow a Simolensko e Beresina; 150:000 prisioneiros; 28 generaes, entre os quaes o brilhante e vistoso Montbrun e Caulaincourt, lá tinham ficado estendidos no *Champ d'honneur:* 3 marechaes do Imperio (Davoust, Saint-Cyr e Ondinot), 32 generaes de divisão, 72 de brigada, mais ou menos gravemente feridos.

Da nossa *Legião,* tambem nós lá haviamos deixado sangue a empoçar a longa estrada, que vae de Wilna a Moscow. O nosso Marquez d'Alorma viria a morrer dos resultados de campanha e com elles tantos e tantos officiaes, tantos e tantos soldados, que longe da Patria e por uma bandeira extranha, tinham honrado o nome da sua terra.

A hecatombe fôra medonha mas não tamanha, que arrazásse o animo superiormente temperado do Imperador.

Acorre a Paris: do solo francez brota um novo exercito de 300:000 homens no curto periodo de tres mezes! São já os velhos soldados da Grande Armée, é certo. Mas os inexperientes recentes, instruidos á pressa nestes tres mezes de inverno, até fins de abril, ainda assim com que brilho elles se vão bater durante as campanhas de verão e d'outomno, que teve, como tragico epilogo Leipsik, nos seus quatro actos de 16 a 19 d'outubro.

O brilho da estrella do Grande Homem evidentemente que empalidecia. Já em Wagram e em Essling nuvens de mau agouro a tinham empanado.

Que longe já ia o sol d'Austerlitz!

Isto era em 1813.

Repelido o inimigo do solo português, Wellington prepara nos seus quarteis de inverno, essa rude campanha de Espanha e de França, que no decorrer d'esse anno iria levar as nossas armas vencedoras a Vittoria, a S. Sebastian, ao Bidassôa, ao Nivelle e ao Nive.

Que magnifico exercito o nosso então que magnificos 26:000 homens, que um *bom-pulso* tinha levado a cometter grandes cousas nesses epicos seis annos.

Isto era em 1813...

Não confrontêmos, por Deus, com o que se passa em Portugal, hoje em dia —cem annos passados...

A materia excellente, de resto, as *cabeças* uma miseria...

. . . . . .

A um Povo, que tem por ponto inicial da sua Historia e da sua Tradição, a data fulgente, inegualavel, indiscutivel e superhumana do... 5 de outubro de 1910 —nós nos permittimos simplesmente lembrar esta «velha» historia.

S. P.

Carta de Paris

Paris, 5 de janeiro, 913

D'aqui a dias a sala da Assembleia Nacional de Versailles elegerá o successor de Fallières.

Quem será o novo presidente da Republica Franceza, nem os proprios eleitores nem a mesma vidente Madame de Thebes o sabem á hora a que escrevemos.

Por emquanto o que ha de certo é mais uma lição de convulsão politica que as democracias infligem aos povos com as acclamações dos seus soberanos a prestações.

O que se lê actualmente na imprensa francesa a respeito de cada candidato á Presidencia quasi eguala, se não ultrapassa o que os radicaes de certo paiz inventaram para ferir e suggestionar a morte de um desventuroso rei.

Um dos indigitados pretendentes á moradia do Elyseu é o snr. Antonio Dubost, actual presidente do Senado.

Pois bem esse candidato á magistratura da Republica é acusado por Henri Rochefort, n'um recente numero da *Patria* de ter sido nem mais nem menos do que um agente de policia secreta de Napoleão III, e como tal corrido a pontapés—mas materialmente a pontapés!—por Henri Rochefort, da redação da *Marselhêza.*

Rochefort assignou o artigo, e até hoje o snr. Dubost ainda não utilisou a prerogativa que a lei de imprensa franceza dá aos calumniados: fazer inserir no mesmo jornal, a sua defeza, occupando o dobro do espaço que tomára a calumnia. Quem, atacado por um jornal francez, não usa d'este facil direito é porque não pode desmentir a offensa.

Sobre os outros candidatos vae tambem uma tempestade de *senões.*

Ribot é porque é casado com uma ingleza, e a França não quer uma extrangeira no Elyseu, achando que já tem tido bastantes estrangeiros no seu alto governo, sem contar Maria Antonieta e a senhora de Montijo.

E o que se diz na imprensa, ouve-se por ahi, nos meios francezes, do mais respeitavel e mais cotado dos candidatos.

Francamente não sei o que lucrará um paiz em eleger chefe do estado os homens que começou por denegrir.

Não vejo mesmo vantagem e vejo muitas desvantagens n'este regimen de *loation.*

Que o chefe de estado tem muito interesse e um grande papel na sorte dos povos, é indubitavel.

A França, por exemplo, que tem hoje um exercito bem municiado e bem amestrado, se partir amanhã para uma guerra não terá o *pennache* d'um Fernando da Bulgaria para indicar ao povo francês o caminho.

A representação nos tempos da paz não é indifferente, e o sr. Leon Bourgeois bem claro o affirmou dizendo:

—«O Presidente da Republica Francêza tem de representar faustuosamente a França. A minha saude não póde com esse fausto, com as viagens internacionaes, com a vida de relações internacionaes, indispensavel á boa cordealidade dos povos. Eu succumbiria. Ora eu morrendo como ministro não faço falta nenhuma; eu, morrendo como Presidente da Republica, posso pôr a França em grandes perigos.»

Aqui está feita por um desinteressado insuspeito a accusação dos perigos que a eleição dos reis da democracia acarréta ás nacionalidades.

Como poupança, a poupança da lista civil, isso é já uma historia da carochinha em que nem mesmo os liliputianos espectadores de qualquer *Guignol* acreditavam.

Imagine-se só que a sala da Assemblea Nacional está n'este momento passando pela transformação de todo o progresso moderno: *chauffage centrale, radiotelegraphia,* etc. Além d'isso os aposentos que o presidente eleito tem o direito de occupar nas horas que medeiam entre a sua eleição e a sua entrada no Elyseu, custam uma fortuna.

E quer a adaptação da sala quer a adaptação dos aposentos, é apenas o preceito da lei que se cumpre para satisfazer algumas poucas horas a legalidade.

Ao menos a acclamação d'um rei, por muito cara que custe é uma despeza que se aproveita para uma vida.

E ainda o mais grave de tudo, é a falta de preparo necessario para chefe de estado que cada candidato—por mais notavel—não póde deixar de acusar.

Esse senão das soberanias democraticas encontra-se flagrantemente destacado n'este episodio:

No primeiro ministerio girondino, o sr. Roland, saindo d'uma reunião do conselho de ministros, fez esta confidencia a Madame Roland:

—«Afinal nós estamos todos enganados e eramos todos injustos com o rei. Imagina tu que hoje discutia-se em conselho de ministros um assumpto grave de politica franco-austriaca. Pois, Luiz XVI tomou a palavra e expoz elle mesmo, e melhor do que o ministro, a historia das nossas relações com a Austria, e a synthese da questão.»

—E' natural! respondeu Madame Roland—os reis teem uma educação especial, que vocês os homens publicos não podem ter, por mais que façam. O rei é o depositario da tradição politica, o archivo mental de todas as questões passadas com todos os ministerios.

E' a maior defeza das monarchias, este episodio do ministro, de Luiz XVI, e este commentario de Madame Roland.

J. SEQUEIRA.

Carta de Lisboa

O primeiro acto do snr. Affonso Costa, como chefe do governo e ministro das Finanças foi rever o orçamento. Metteu-se no seu gabinete da secretaria, dia e noute, e ahi, umas vezes com os chefes dos serviços e outras com os seus colegas de gabinete, foi passando em revista as cifras orçamentaes cortando umas e deixando outras e conseguindo, ao fim da sua tarefa, segundo dizem os jornaes, uma reducção de dois mil e tantos contos. Só no Ministerio da Guerra, obteve 500 contos pela eliminação da verba destinada ás Escolas de repetição que treio, serem resultado da reforma do snr. Coronel Barreto, seu correligionario.

Deve-se ainda accentuar que n'esses córtes, acrescentam os jornaes officiosos, nem se desorganisam serviços nem se reduzem os vencimentos do funccionalismo.

E' sempre facil cortar despesas no papel e pelo que se pode apreciar das noticias conhecidas, é cedo para se fazer a critica do acto do snr. Affonso Costa que á primeira vista é um acto correcto de ministro das Finanças, se bem que se possa argumentar que um homem com o passado e as responsabilidades politicas de S. Ex.ª precisasse de ir ao governo para tornar conhecidas as suas ideias economicas. Mas é tambem precisolnão querer levar tão longe a logica dos politicos que são em geral os sugeitos mais illogicos d'este mundo.

A verdade é que a revisão fez-se e o defficit calculado pelo snr. Vicente Ferreira, cujo concurso ministerial o snr. Affonso Costa parece ter solicitado, e que era de seis mil e tantos contos, e que no dizer dos que o combatiam, o grupo democratico incluido, deveria attingir uma cifra de perto nove mil contos apparece agora reduzido a 3.435 contos. Por tudo isto não póde ser nem maior nem mais justa a curiosidade do paiz, por conhecer em detalhe o resultado do trabalho a que o governo se impoz, e sobre o qual temos aprehensões serias.

Se em verdade as escolas de repetição

que o snr. Barretto inventara, custavam ao Estado 500 contos, bem fez o snr. ministro das Finanças em pôr de de lado a obra do seu amigo, mesmo porque no dizer dos entendidos ella não merece outra cousa, mas succederá outro tanto por exemplo aos 1:000 contos que dizem ter sido arrancados ao Ministerio do Fomento? Aqui, é que os nossos receios augmentam.

Bem se sabe que o systema de trabalho até hoje adoptado não pode nem deve continuar, e que com a despeza obrigatoria e a necessidade sempre crescente de acudir ás crises operarias, admittindo ao serviço grande numero de operarios, se póde conseguir resultados diversos e a todos os titulos beneficos. Parece que ao mal se procura acudir com um decreto annunciado já pelo ministerio do fomento mandando, na applicação e regularisação das verbas destinadas a edificios publicos, seguir de preferencia o systema de empreitadas totaes ou parciais e até de tarefas, e nomeando uma commissão de engenheiros para formular um plano geral de edificações necessarias em Lisboa para instalação conveniente dos serviços publicos.

Sobre esta ultima parte nada ha a dizer. Com effeito, com o dinheiro gasto em tanta obra desnecessaria, ter-se-hia construido já uns poucos de edificios indispensaveis. Se em vez de desmanchar uma e duas vezes, telhados e paredes feitos e refeitos, para dar trabalho a operarios se tivesse empregado todos esses braços na construcção de um edificio, poderiamos ter já um Palacio da justiça á altura de uma capital; uma casa de correio, com as indispensaveis acomodações para um serviço de tão grande responsabilidade como o telegrafo-postal, e no qual a intervenção do publico se exerce a todo o momento; um Ministerio dos Negocios Estrangeiros; e até museus e Bibliothecas. Bem pouco teria sido preciso. Bastaria methodo e forma.

Quanto á primeira parte, a dos empreitadas, essa affigura-se-nos de mais difficil execução, porque essa não póde resolver senão muito parcialmente o problema operario. Ao empreiteiro a quem se adjudica uma construcção, é impossivel impôr a aceitação de todo o operario, seja elle bom ou mau, activo ou mandrião. Nem era justo fazer-se-lhe tal imposição, nem elle a acceitaria. Portanto o decreto não é praticamente exequivel, e hoje mais do que ha annos, será difficil ao governo achar solução para um problema tão complexo, como é o dos operarios do estado. Prende-se elle com a ordem publica, com a obrigação moral que o poder central tem de tratar de melhorar a situação das classes trabalhadoras, e ainda com serios compromissos tornados durante annos e annos de propaganda revolucionaria.

Evidentemente, se o governo podesse de um momento para o outro acabar com todas as suas obras e passar apenas a fazer executar as mais urgentes, e pela maneira indicada, no tal decreto, seria ouro sobre asul, se a côr d'essa locução vulgar é ainda permitida pelas novas leis da imprensa, porque de um dia para o outro se obteria o equilibrio dejesado do orçamento; mas infelizmente não é possivel, e por muito boa vontade que haja em dar cabo do defficit, o poder central não tem, como aconteceu á Camara Municipal, um outro ministerio de fomento que lhe desse guarida aos operarios por ella despedidos.

A edilidade de Lisbôa equilibrou o seu orçamento e d'isso se vangloria, mas conseguiu-o á custa peor do que da desorganisação dos serviços, da sua eliminação. Transformando a capital n'uma cidade porca e immunda como esta hoje está, não é muito difficil obter saldos. Se o governo pensa em imitar a vereação, e em eliminar serviços para obter reduções orçamentaes, então não haverá remedio senão protestar, porque a duas por trez fica o Portugal moderno transformado n'um Portugal do seculo XVII, sem nenhum dos melhoramentos de civilisação a que todas as nações teem obrigação de acudir.

Publicou ha tempo um jornal francez, a proposito de boa admnistração, um caso interessante succedido com um grande proprietario agricola que havia muitos annos tinha um admnistrador que lhe augmentava, vagarosa mas progressivamente os rendimentos annuaes. Mas tanta queixa lhe fizeram d'elle, apresentando-o como dissipador e estravagante que o proprietario despediu-o, tomando um outro administrador inculcado como muito economico. Nos primeiros exercicios os rendimentos dobraram os pés com a cabeça, mas ao fim de meia duzia de annos, quando o proprietario se decidiu a fazer uma visita ás propriedades viu com tristesa que ellas tinham sido abandonadas por completo, e que os grandes saldos obtidos o tinham sido á custa do tratamento indispensavel á producção futura. Se lhes não acode, estava perdido!

Serão assim as economias do Snr. Affonso Costa? Se o fossem, ficaria talvez equilibrado o orçamento, mas o que ficaria por certo muito desiquilibrado, seria o paiz!

RAUL.

SEMANA MUNDANA

Familia Real

—Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Manoel II quando na sua recente viagem pela Europa esteve em Vienna d'Austria foi recebido pelo Imperador Francisco José no palacio de Schönbrunn, onde uma guarda de honra lhe prestou as devidas homenagens. O Imperador apresentou-se com a banda das Tres Ordens militares portuguezas.

Depois Sua Magestade El-Rei foi por tres dias hospedes, no palacio de Miramar, proximo de Triste,—da archiduqueza Maria Josepha, mãe da herdeira da corôa da Austria.

Na Russia, Sua Magestade El-Rei foi durante um mez hospede de gran-duque Jorge Milkollovitch, no seu palacio de Koreiz, na Criméa, e em S. Petersburgo por duas vezes almoçou com o Czar e a Czarina, em Tsars Koë-Selon, tendo sido postos á sua disposição comboios especiaes e as carruagens da Côrte, assim como os camarotes imperiaes em todos os theatros da capital.

Sazonow, o ministro de Negocios Estrangeiros da Russia, foi apresentar as suas homenagens a El-Rei, e offereceu a Sua Magestade um jantar.

Em Berlim, onde foram postas á sua disposição as tribunas imperiaes em todos os theatros, almoçou Sua Magestade El-Rei, no dia 8 de Dezembro, no Palacio Imperial, para onde foi conduzido n'uma carruagem da Côrte acompanhada pelo *chasseur* imperial, e dois dias depois teve com o Imperador Gilherme uma entrevista que durou cerca de duas horas.

O Embaixador de Hespanha junto do governo imperial offereceu na embaixada um jantar a El-Rei.

Em Munich esteve Sua Magestade em casa do principe Frederico de Hohenzollern, onde foi visitado pelo principe e pela princeza regentes da Baviera, e por grande numero de principes allemães e pessoas da aristocracia. Quando Sua Magestade estava em Munich, realisaram-se os funeraes do principe Luitpoldo, regente da Baviera, aos quaes El-Rei assistiu.

—Sua Magestade a Rainha, a senhora D. Amelia, presidiu no dia 8 a uma festa da caridade organisada pela rainha Alexandra, da Inglaterra, no palacio da municipalidade de Londres.

No baile

Ia animado o baile, e nos grandes salões as altas individualidades da Republica, o corpo diplomatico, a sociedade elegante,—a nova que, no dizer das gazetas delirantes, viéra substituir com mais brilho, mais distincção e mais finura a velha e decrepita sociedade dos tempos da Monarchia,—acotovellavam-se indistinctamente n'um bulicio, n'um alvoroço pelos encantos d'aquella festa explendida, que celebrava uma data gloriosa.

A orchestra, que ininterraptamente executara valsas enlanguescedoras e quadrilhas estonteantes, animadamente dansadas, atacava agora com brio o signal para a ultima quadrilha official, a ultima d'aquella serie que para o meio da sala levára, em logares previamente marcados e com pares que o protocolo anticipadamente designára, os personagens officiaes e suas esposas com os quaes haviam contrascenado as individualidades do corpo diplomatico.

A esposa do secretario de legação, em meio do seu grupo, ao ouvir o signal da quadrilha, olhou rapidamente o seu pequenino *carnet de bal*, e a meia voz disse comsigo:

—*Monsieur le ministre des travau publics*...

Depois, para comsigo sempre, continuou:

—*C'est bien... mais je ne le connais pas.*

E voltando-se para alguem que passava proximo, proseguiu em voz alta:

—É o ministro dos Trabalhos Publicos o meu par de agora... Veja se m'odescobre, que eu não o conheço.

Mas n'esse momento um sujeito gordo, de ventre proeminente, guiado por um rapazote magro, de ligeiro buço, que lhe apontava com o dêdo a esposa do secretario de legação, aproximou-se n'uma reverencia, que da testa lhe fez cahir sobre o tapête grossas gottas de suor, disse:

—Minha senhora... *Madame... C'est moi...*

Depois, arredondando o braço, offereceu-lh'o, com um requebrar donairoso do corpo vasto, accrescentando:

—*Oui... c'est nous á danser*... Vamas lá a isto, madame.

E com ella foi rompendo por entre a multidão, a caminho da grande sala de baile, onde já outros pares, de pé, aguardavam que a quadrilha se formasse.

Era difficil a travessia por entre os grupos de convidados, que, n'uma ancia de espectaculo novo, como quem receia perder o logar á borda do passeio na rua em dia de procissão ou cortejo civico, resistiam á pressão do braço de S. Ex.ª e se conservavam desattentos aos seus pedidos, de que lhe abrissem caminho.

Emquanto ia furando, S. Ex.ª dizia ora para o seu par, ora para as pessoas que lhe impediam a passagem:

—*Trés difficile... beaucoup de mond...* Deixa lá passar, ó menino... *Et aprés... un chaleur. madame, ah! un chaleur!...* Irra!... deixem passar... com licença... *C'est vrai, madame, un chaleur... oh!...*

Por fim lá conseguiram chegar ao grande salão, quando já a orchestra rompia, saltitante e leve, a primeira parte da quadrilha.

Foi quasi correndo que os dois se dirigiram aos seus logares, e já a esposa do secretario estendia a mão ao seu par

---

6 FOLHETIM DE «O CORREIO»

A CHICA

ARRUFOS!

Algumas vezes, lá de mez a mez, a Chica amuava commigo, mas amuava a bem, quer dizer, não se enfurecia, não me descompunha, não me dava beliscões.

Todos os mezes tinha uns dias em que amuava assim sentida, maguada, muito triste, muito nervosa, declarando-se-me a mais desgraçada das mulheres, tendo percebido que de todo se lhe acabará a felicidade n'este mundo, e que só lhe restava ir para um convento ou então penar o resto dos seus dias, solitaria e triste, procurando esquecer aquelle amor infeliz que me tivera, junto da tia, *da minha querida tia*, choramingava ella, *que tão minha amiga, essa sim, tão minha amiga é.* Eu que me divertia muito mais quando a Chica amuava á bruta, isto é, quando me descompunha e me dava beliscões, porque quanto mais ella se zangava, mais linda eu a achava, com o fuzilar colerico dos seus olhos e os seus beliscões que pareciam caricias,—começava logo a aborrecer-me com a choradeira, porque em minha opinião ha trez cousas que um cavalleiro portuguez nunca aturou sem aborrecimento: a choradeira d'uma namorada, um dia de chuva miudinha e um discurso do sr. Antonio José d'Almeida.

E nervosamente raspava um phosphoro para accender o cigarro, emquanto a Chica accrescentava, com um tom tragico na voz, olhando fita a luz vacilante do pavio:

—A não ser que procure na morte o esquecimento dos seus desgostos...

Eu olhava-a espantado com o phosphoro acceso esquecido entre o indicador e o pollegar:

—Ainda o anno passado, continuava a Chica de olhar vago, como que alheada d'este mundo, ainda o anno passado a Gertrudes da Conceição, uma mulher a dias que costumava cá vir a casa, encontrou n'uma caixa de phosphoros de enxofre a paz e olvido.

—E o que? perguntava eu.

—E o olvido, repetia a Chica.

E n'um arranco, com uns soluços muito repuxados lá de dentro, exclamava:

—Oh! Gertrudes da Conceição... Gertrudes da Conceição... como eu comprehendo agora o que tu soffreste!...

Eu, já assustado, conhecendo-lhe a telha, observava-lhe, reprimindo uma praga e atirando de estalo com o phosphoro que me queimava os dedos:

—Então, Chica... mais baixo... Olha que a visinhança pode ouvir.

Depois, impressionado com o espectro da mulher a dias, accrescentava reprehensivo:

—Vê lá agora se fazes alguma tolice, Chica?... Olha que com phosphoros de espera gallego não se brinca!... Isso são cousas muito serias!...

E impaciente, com immensa vontade de me ir embora, maçadissimo já com a scena, evocava a Chica a estorcer-se na cama com dores, de mãos no estomago, por causa dos phosphoros, a tia de mãos na cabeça a gritar por Nossa Senhora, por um medico e pela creada, o Cazuza a berrar como uma cabra, e eu a ter que me atirar desvairado, para não fazer má figura, sobre os lençoes sujos do azeite do primeiro vomitorio, a exclamar: *Perdão, perdão, Chica, minha Chica, não morras, que ainda havemos de ser muito felizes!* emquanto a creada á pressa correria a chamar um medico, deixando já a agua ao lume para as lavagens do estomago.

Uma espiga!

E a cousa demorava sempre, porque a Chica, quando lhe dava para aquellas scenas, fazia-as render, como nunca renderam as inscripções.

Com a minha observação a respeito da visinhança levava o lenço á bocca, a suffocar os soluços e, olhando o predio fronteiro, que era uma escola primaria para ambos os sexos, começava a chorar baixinho, emquanto eu, nervosamente, puxava fumaças sobre fumaças, trincando em silencio a boquilha de cerejeira.

De vez em quando pessoas do bairro passavam rentes á janella, olhando-nos com curiosidade umas, outras com espanto, as primeiras curiosas por verem se a Chica já mudára de namoro, as segundas espantadas por ainda não ter mudado. A Chica retirava-se mais para dentro, disfarçando, a esconder o lenço, e eu, de bengala enfiada na algibeira, punha-me a olhar para o ceu, cantarolando, a darme ares de quem estava alli por acaso a ver que tal estava o tempo.

Depois quando o transeunte já ia para alem do predio, aproximava-me de novo, tirava a bengala da algibeira, e, n'um demorado encolher de hombros, abrindo os braços e baixando um pouco a cabeça, murmurava no tom de quem tem muita pena mas não vê outra sahida á situação:

—Não sei Chica... não sei que te hei-de fazer!

E com muita gravidade, como quem falla muito seriamente d'um problema a que tem de dar immediata solução, dizia com uma lentidão calculada:

—Ouça, Chica...

—Oh! meu Deus!... meu Deus!... nem já me trata por tu!... exclamava a Chica, n'uma explosão, levantando os olhos para as trapeiras da escola primaria para ambos os sexos, como que a tomar o professorado por testemunha da minha crueldade.

—Ouve, Chica, emendava eu então para evitar mais maçadas, tu és muito boa rapariga e mereces ser muito feliz... Has-de encontrar um homem que te saiba comprehender e apreciar. Eu não posso, eu não saberia fazer-te feliz... Os nossos genios não se entendem... Tu exaltas-te com muita facilidade... és muito authoritaria!...

E como ella, de lenço na bocca, continuava olhando as trapeiras da escola sem me interromper, eu aproveitava para ir desabafando:

—E's authoritaria, caprichosa, arrebatada, violenta, teimosa e... e...

Hesitava, a lembrar-me que mais era ella:

—Emfim... és muito boa rapariga, mas tens muito genio... Eu tambem tenho genio, não tanto como tu, mas tambem tenho, e bem vês... sim... bem comprehendes... Em resumo... o melhor é acabarmos com isto.

E energicamente, decisivo e terminante, puchava d'outro cigarro e cravava-o, com firmeza, na boquilha.

A Chica quedava-se silenciosa, de olhar vago, como que a recordar, antes d'uma decisão, todas as scenas d'aquelle nosso amor, e, passados alguns momentos, murmurava n'um alheamento, como n'um sonho:

—Lembro-me como se fosse hoje... Era um sabbado... Disse-me que me adorava... Começou então a minha felicidade...

Não se lembrava tal... O nosso namoro tinha começado n'uma sexta feira, dia de peixe e de azar. Eu é que me lembrava muito bem...

Ella continuava:

—Pouco tempo durou a minha ventura...

Depois, como se toda a tristeza lhe tivesse ido para o nariz, assoava-se, passava o lenço pelos olhos a limpar as lagrimas, fungava, tornava a assoar-se tornava a fungar, apertava o lenço em bola na mão esquerda, e, como quem toma uma decisão dolorosa mas inevitavel, estendia-me a mão direita e, com voz entrecortada, sempre a fungar... ffu... ffu..., dizia-me:

—Vejo que já me não ama, Anselmo... Adeus... Eu não o merecia... Adeus... Adeus... seja feliz...

E depois d'um fugitivo aperto de mão cerrava lentamente, como a custo, a janella, que tornava a abrir um pouco, como se lhe tivesse esquecido alguma cousa, e pela fresta lançava-me em tom dramatico:

—Nunca encontrará quem o ame, como eu o amava... Seja feliz... Adeus, adeus para sempre!

Eu, muito serio, muito grave, tirava-lhe com muita delicadeza o chapeu, puxava a gola para cima, accendia outro cigarro, e, enterrando as mãos nas algibeiras, seguia pára casa, maçadissimo, a soprar furiosamente o *Ora vae tu... Ora vae tu...*

No dia seguinte...

Mas o dia seguinte... fica para a semana.

ANSELMO.

para o primeiro *en avant quatre*, quando S. Ex.ª, com um gesto amavel, pediu:

—*Pardon, madame,... un moment.*

E tirando da algibeira das calças um lenço de barra verde, o sr. ministro entalou-o em volta do pescoço, a proteger o collarinho.

Depois, bamboleando o corpo e arrando o pé, atacou briosamente o *en avant quatre*. ANS'

—Está em Paris o snr. D. Luiz de Lancastre (Alcaçovas).

—Acompanhado de sua esposa a Senhora D. Maria Adelaide da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitella), regressou a Lisbôa o Snr. D. Bernardo da Costa de Sousa de Macêdo (Mesquitella).

—Para Sevilha partiu o Snr. Fernando Van-Zeller com sua esposa a Senhora D. Fernanda de Magalhães e Menezes Van-Zeller.

—Está em Lisbôa o Snr. D. Luiz da Camara Leme.

—Regressou a Lisbôa o Snr. Miguel de Sá Paes do Amaral (Anadia).

—Com sua esposa a Senhora D. Josephina de Castello Branco Ribeiro da Cunha e filho regressou a Lisbôa o Snr. Conselheiro José Ribeiro da Cunha.

—Partiu para Londres com sua esposa a Senhora D. Thezeza Lobo d'Almeida de Mello e Castro de Vilhena e filhas Senhoras D. Catharina e D. Maria, o Snr Dr. Philippe de Vilhena.

—Chegou a Lisbôa vindo da Africa o Snr. D. João da Costa de Sousa (Mesquitella) filho do Snr. Conde de Mesquitella.

—Estão na Suissa os Snrs. Condes de Jimenez y Molina.

—Regressaram a Lisbôa os Snrs. Condes de Villalva.

—Chegou a Lisbôa o digno Par do Reino Snr. Conselheiro José Victorino de Sousa e Albuquerque.

—Vinda de Linhares da Beira já está no Porto o Snr. Luiz Guedes Mimoso Brandão de Mello.

—Partiu para Paris o Snr. D. José Burnay de Mello Breyner.

—De Cuba regressou a Lisbôa o Snr. D. José Manuel Barahona (Esperança).

—Vindo do Funchal, está em Lisbôa a Senhora Condessa da Torre Bella.

—Está em Madrid o Snr. Conde de Penalva d'Alva.

—Vimos no Porto o Snr. Conde de Castro.

—Regressou de Paris o Snr. Conde de Calhariz de Bemfica.

—Fixaram residencia no extrangeiro os Snrs. Viscondes de Moraes.

—Tem passado incommodada de saude a Senhora Viscondessa de Balsemão.

—Está incommodada de saude a Senhora D. Constança Corrêa Gordan (Torre Bella).

—Segundo informaram os jornaes inglezes, realizou-se no dia 30, em casa dos nobres Marquezes do Fayal, em Portland, a festa da Arvore do Natal.

D'um abeto pendiam artisticamente, lampadas electricas, umas azues, outras brancas, e valiosas e elegantes prendas. Foi uma festa cheia de encantos.

CHRONICA
da Vida Nacional

Dias agrestes de inverno. Bátegas de água açoutadas pela ventania, que desencadeia na terra vendavaes, e no mar tormentas. O vento uiva, como o estortor de condemnados nas agonias dos mais refinados supplicios: o ceu condensa-se como o espirito dos loucos e a luz do sol, coáda pelas nuvens ennoveladas e revoltas, semelha clarões de tochas illuminando um cadaver, a horas mórtas.

Recolhidos nos portaes, ou atravez vidraças,—olhamos a rua e doe-nos a alma ao vermos passar, ensopadas as vestes em água, os que a moirejar levam a vida, sem tempo de abrigarem-se, e sem meios de garantirem os membros da chuva a escorrer-lhes dos fatos e do calçado, que quasi boia nas enxurradas das valêtas. Parecem Asheverus da lenda, sem poderem deter-se, não lhes sendo possivel livrarem-se da mão d'um destino, que os impelle para o exgotamento e para a sepultura! Farrapos humanos que fluctuam ao sabôr da corrente, folhas do outomno que o vento impelle para cahirem ao acaso, em qualquer leiva de terra, á espéra de semente!

De vezes em quando, indifferentes á furia dos elementos, eis que passam ranchadas de camponezes, e familias completas, em direcção ás agencias de vapores, a tratar do seu embarque para as regiões extremas do Atlantico, em procura do pão que lhes escasseia nas arcas, com a mira no trabalho, que nas suas aldeias lhes deixa os braços inertes e as energias improdutivas.

O vapor tem dia certo de entrada, tem horas irrevogaveis de partida:—veem-se pois obrigados a arrostar o mau tempo para se prepararem, sem que, a maior parte d'elles, leve nas trouxas roupa em que se mudem, e nos bolços alguns centavos, com que reanimem o estomago vasio.

Adultos e creanças, mulheres em cujas faces as privações fizeram estragos e cavaram rugas mais fundas que as da edade; adolescentes que parecem sahidos das enxergas dos hospitaes, todos seguem o chefe, na atitude indeferente de quem, depois de muito soffrer, já não vê encantos na vida; todos lá vão a caminho da terra ante, vista em sonhos, aonde não falta o trabalho, aonde abunda o pão, aonde a vida tem mais encantos, e a natureza é mais pródiga em frutos e em flôres!

Abandonam-se assim aldeias, fecham-se casaes e povoados há aonde, ao toque das ave-marias, raros são os lares que fumegam, pois emigraram os seus habitantes—familias inteiras, que não mais voltam a depôr no regaço da patria as mealhas do seu oiro e a impulsional-a com a iniciativa da sua riqueza.

O trabalho que os sustentava está paralysado, pois o *brazileiro* principiou a rarear na aldeia, desde que alli assumiu o mando uma burocracia anonyma, sem linha e sem critério, que desdenha o passado com uma ignorancia vergonhosa e com uma altiver irritante. Ausentaram-se tambem, vexádos, por essa audacia petulante, os grandes proprietarios, para se não curvarem aos caprichos dos *sans-culóttes;* retirou-se do mesmo modo o parocho, para não estar na dependencia de leigos ignorantes, que lhe davam ordens sobre a egreja, sobre a disciplina e sobre o ritual—concedendo-lhe em troca a liberdade de casar-se e de revoltar-se contra os seus superiores!

Despovôa-se o norte, n'um crescendo assustador, que empobrece o paiz, no seu censo de população, de riqueza e de energia: para os que ficam cada vez mais se difficulta a vida, encarecendo o pão na rasão da directa do numero de braços que o amassam. 100$000 almas em 1912: nos primeiros dias em 1913 continuam as mesmas ranchadas de fugitivos, emquanto o novo ministro do fomento eleva o direito de milho—já é necessario importal-o trez mezes após a colheita, bemdito Deus! —emquanto o agente d'uma poderosa companhia de navegação, para cujo escriptorio caminha grande numero d'estes fugitivos,—o sr. Xavier Esteves—fornecendo as passagens, vae maduramente pensando no enorme exódo dos seus compatriotas, e no processo de o evitar. E já que nos acudiu aos bicos da penna o nome do conhecido engenheiro, ousamos lembrar-lhe que com os dados ao seu alcance, organise um relatorio, e o leia ao parlamento, ao governo, ao directorio, aos centros, ás lójas e lhes lembre que, a continuar assim a emigração dos portuguezes, a Republica, paraphraseando o dito de um nosso grande rei, chegará a não ter em quem mande e a quem governe.

ANTONIO LANÇA

Chronica do theatro

Aguia d'Ouro—Realiza-se hoje a festa artistica do actor comico Joaquim Prata, subindo á scena uma das operetas em que Prata tem um dos seus melhores trabalhos.

Carlos Alberto—Por motivo de doença da distincta actriz Cremilda de Oliveira, realisam-se hoje e amanhã as ultimas representações da engraçadarevista «*Có-có-ró-có*», que tanto successo alcançou.

—Para 24 de corrente está marcada a festa de José Ricardo, o nosso primeiro actor comico, representando-se a linda operetta «O Testamento da Velha».

—Para as 4 recitas de Carnaval está já aberta a assignatura com 4 peças diversas.

Sá da Bandeira—A interessante operetta «Soldado-chocolate» continua em pleno, agrado E' sem duvida uma peça movimentada, cheia de graça, com excellente «miseen-scene» e correcta interpretação.

Olympia—Hoje festa artistica da actriz Felismina da Silva e do ponto Raul Albuquerque, com a revista *Peço a palavra*

—A'manhã realizam-se trez sessões com a mesma explendida revista.

Colyseu de Variedades—A *Dansa serpentina*, por Mme. Venoska, entre os seus feroses leões, é de um effeito maravilhoso. O resto do explendido programa é prenchido com numeros de verdadeira sensação.

CINEMATOGRAPHOS

Jardim de Passos Manoel—Estreiou-se hontem com enorme successo o notavel quarteto lirico, de que faz parte a eminente cantora Helena Fons, cantando a opera de Bizet, *Carmen*. No final todos os interpetes foram justa e vivamento applaudidos. Hoje temos a opera *Otelo*, novos cantares regionaes e no resto do programma magnificos *films*.

—A meia noite, baile de mascaras.

Salão High-Life—Promettem ser devéras sensacionaes e interessantes as sessões de hoje e de amanhã n'este bello e confortavel salão.

Salão Pathé—A empreza, apezar de grandes sacrificios, conseguiu adquirir um *film* que causa enorme sensação.

AOS MONARCHICOS

Tenho em deposito grande variedade em papel de carta com facha azul e retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manoel II, lapis azul e branco, berloques para pulseiras, argolas para guardanapos com a linda bandeira azul e branca, botões para punhos, passe-partouts com retrato e bandeira, chatelaines, lindos distinctivos com bandeira e retrato, photographias em ponto grande com retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II e do Senhor D. João de Almeida.

Grande variedade em Postaes com os ultimos retratos de Suas Magestades a Senhora D. Amelia e o Senhor D. Manoel II, Sua Alteza o Principe D. Affonso e os snrs. Azevedo Coutinho, Ayres de Ornellas, dr. Annibal Soares, Alvaro Chagas, Paiva Couceiro, dr. José A. C. Branco e muitos outros artigos.

Preço com grande desconto aos revendedores.

Todos estes artigos pagam os direitos alfandegarios com ordens superiores; por essa razão não podem ser **apprehendidos**, pois são objectos de meu commercio.

Pedidos a

J. Monteiro Pereira

Rua do Loureiro, 72—PORTO

Magalhães & Moniz, L.da

LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencias e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações

Correspondentes em todo o mundo

CASA FUNDADA EM 1873

11—Largo dos Loyos—14—PORTO

A EUROPA

PADARIA, CONFEITARIA E PASTELARIA

R. da CONCEIÇÃO, 71 a 75 ✱ **R. das OLIVEIRAS, 108 a 128**

TELEPHONE, 651

Padaria montada em harmonia com as disposições emanadas da fiscalisação dos Productos Agricolas, fornece toda a qualidade de pão e com especialidade o Pão de Luxo, Vienna e outros. Distribuição aos domicilios de manhã e á tarde, observando-se n'estas a mais rigorosa hygiene e completo asseio.

O serviço de panificação está franco a qualquer hora do dia ou da noite. Bolachas, biscoitos, tosta dôce e azêda. Vinhos finos e de consumo, tintos e brancos, engarrafados, licores e champagnes cervejas nacionaes e estrangeiras.

Aguas mineraes e mais genero congeneres.

CHÁ, CAFÉ CACAU, DOCE FINO, FRUCTOS DOCES e SECAS.

Empreza Nacional de Navegação

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama, e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empreza

RUA DO COMMERCIO, 85—LISBOA

NA GUINÉ

POR **Frederico Pinheiro Chagas**

(2.ª EDIÇÃO)

BREVEMENTE Á VENDA

Atelie de Roupa Branca

M. d'Aguiar Leitão

Proprietaria e directora:

Marqueza Isabel d'Aguiar Leitão

Fabrica e deposito de roupa branca
para homem, senhora e creança

Os mais elegantes modelos em roupa branca de senhora

(ESPECIALIDADE D'ESTA CASA)

Enxovaes para casamento .·. Enxovaes para baptisado

BRINDES A TODAS AS NOIVAS

20, Praça da Batalha, 22—PORTO

(Á entrada da R. de Santo Ildefonso)

CASA DOS LINHOS

ARTIGOS PARA BORDAR

Raphael Pereira dos Santos

Fornecedor dos principaes
Collegios do Paiz

288-Rua de Fernandes Thomaz-290
PORTO

N'este estabelecimento encontra-se enorme sortido de pannos de linho e atoalhados.

Artigos para collegios e enxovaes

Enviam-se amostras para a Provincia

EXECUÇÃO RAPIDA

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LEGITIMOS
CIGARROS D'ALGER
PERFUMES de salon
CREMES d'Herbe divine
Universalmente conhecido como os mais hygienicos
— Não affectam a garganta —
Cuidado com as imitações que a fama mundial d'estas marcas tem provocado.

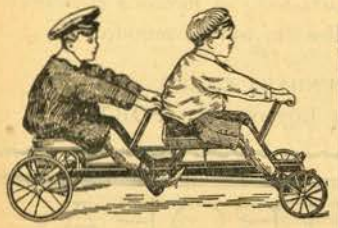
COMPANHIAS DE SEGUROS

La Union y el Fenix Espanol
DE MADRID
Union Maritime de Paris
Mannheim de Mannheim

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gaz, de machinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos, postaes e transportes de qualquer natureza.

LIMA MAYER & C.ª
Rua da Prata, 59, 1.º

VINHOS
DAS
QUINTAS DO CABO TRANCADA E MATTINHO
EM
Santa Martha de Penaguião (DOURO)
PROPRIEDADES DE
Augusto Anthero de Magalhães
ENCOMMENDAS:
Recebem-se no Largo dos Loyos, 12 Telephone, 584



Aos paes que velam pela saude de seus filhos, recommendo este apparelho, porque é tambem aconselhado pelos mais distinctos clinicos.

Bazar Esmeris

Cleigos, 70

COMPANHIA DO GAZ

DO PORTO

Distribuição de Coke a domicilio

Por cada 15 kilos (uma arroba) . . . . . 200 reis
Por cada 600 kilos (um carro) . . . . . 8$000 reis

Posto em casa do consumidor, dentro da area da cidade do Porto. Peso garantido

SATISFAZEM-SE PROMPTAMENTE

todos os pedidos de **Coke** que lhe forem feitos ou por meio do correio, ou em requisição verbal nos seus escriptorios da Praça Carlos Alberto 71, ou na fabrica, no Ouro.

CIGARROS
Presidente ARRIAGA
Fina mistura de tabaco havano
A marca de maior successo em Portugal
Cuidado com varias marcas imitações d'esta famosa marca

VIDRARIA MODERNA
VENDAS POR JUNTO E A RETALHO
Augusto Gomes dos Santos

Completo sortido em louças, vidros, crystaes, molduras e outros artigos proprios para brindes

Telephone, 1139
Rua Sá da Bandeira, 195 a 199—PORTO

Adega Particular

DE
ANTONIO A. LEAL PECEGUEIRO
á R. S. Bento da Victoria, 54-A

Vinhos maduros, do Douro e Verdes de Amarante
(Branco e tinto)
por conta do lavrador

Vendas por junto e a retalho

Entrega aos domicilios

"ADESIVOS E MAKAVENCOS,,

Chegou nova remessa d'estes magnificos bacios á casa

"AU BON MENAGE,,

81, R. de Cedofeita, 85 **Teleph. 942--PORTO**

Casa especialista no fabrico de colchões de arame, colchões de folhelho, lã, crina, e summauma

Unica colchoaria no Porto que possue um bem montado serviço de esterilisação e desinfecção pelo vapor sob pressão.

O proprietario,
Julião D. Monteiro

"PICCADILLY"

58, RUA GARRETT, 62 **Telephone, n.º 3658**

A mais importante casa d'artigos para homem

Alfayate, Mercador, Camisaria, Chapellaria e artigos concernentes a estas especialidades, como impermeaveis, chapeos de chuva, bengallas e gravatas em todos os generos

A TODOS CONVEM SABER

Que para se obter agua absolutamente pura é indispensavel fazer uso d'um Filtro Chamberland Systema Pasteur, o unico capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas. Approvado pela Academia de Medicina de Paris. Academia das Sciencias. «Premio Montyon» Pedir catalogos illustrados a

J. L. MEYRELLES
Depositario para Portugal e Colonias
Rua Nova do Almada, 79, Lisboa

PAPEIS
DE
CASAMENTO

Arranjam-se com a maxima rapidez e economia,

NO

ESCRIPTORIO
DA
Capella de Fradellos
PORTO